Páginas Abertas

ANO 39 • nº 57 • 2014

ISSN 1414-4638

AS LIÇÕES do futebol

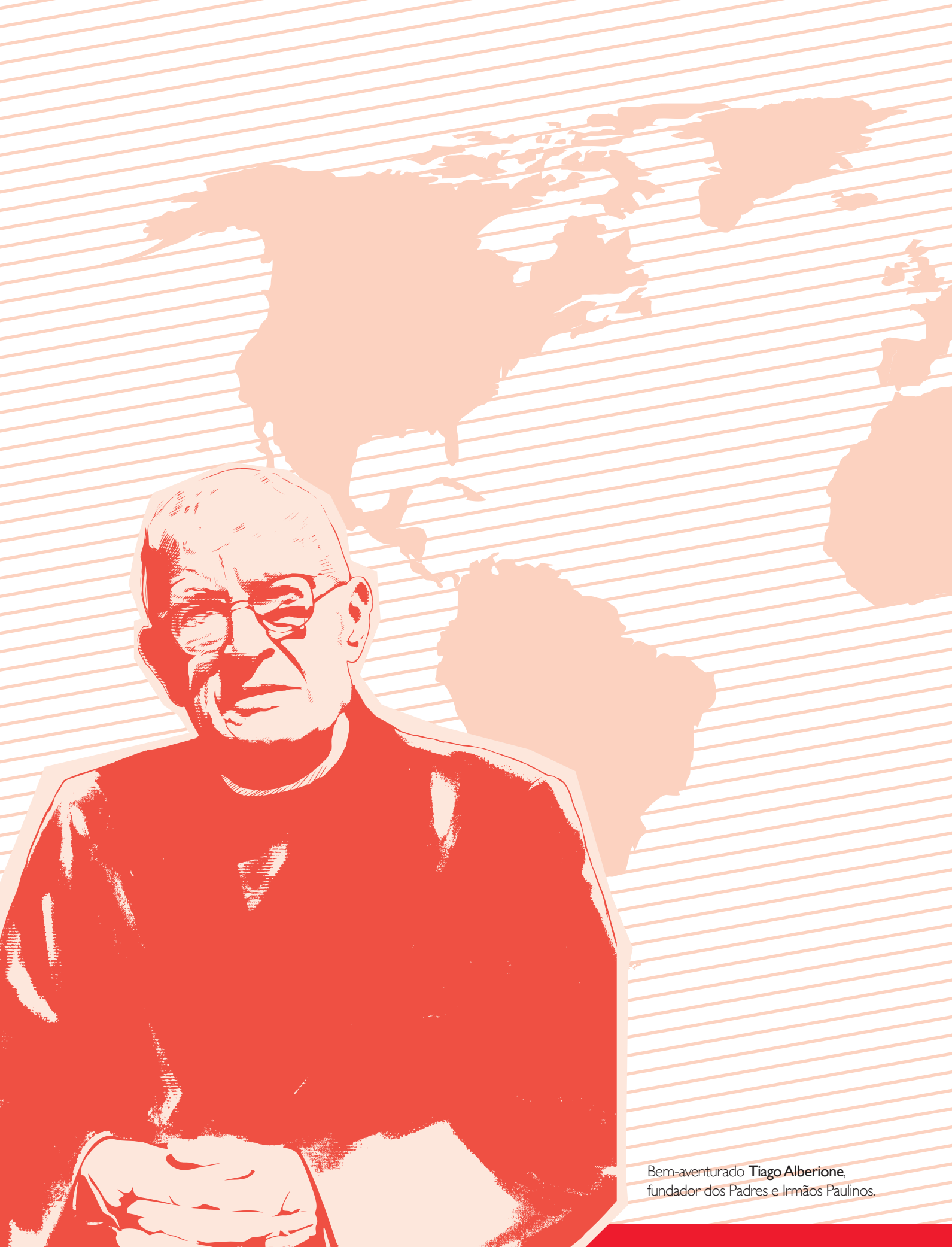
O que a Copa 2014 pode trazer para a educação?

Cultura

Museu da Pessoa ajuda a contar a história dos últimos 100 anos do Brasil, a partir de histórias e documentos do seu povo

Saúde

Pesquisa comprova o grave quadro da poluição do ar nas grandes cidades. Escola pode contribuir, a partir da educação, para enfrentar o problema



Bem-aventurado **Tiago Alberione**,
fundador dos Padres e Irmãos Paulinos.

PAULUS

Há *100 anos*, nossa palavra é comunicação

O ano de 2014 é significativo para a Congregação Religiosa dos Padres e Irmãos Paulinos. É o ano do centenário de sua presença no mundo. Fundada em Alba, Itália, pelo bem-aventurado Tiago Alberione, no dia 20 de agosto de 1914, com a missão específica de difundir a boa imprensa, assumiu progressivamente a atual imagem, que se mostra empenhada na difusão da cultura religiosa e humanística mediante os meios mais modernos de comunicação que o progresso humano permitir.

A PAULUS deseja celebrar os 100 anos com alegria e agradecimento a Deus por sua ação nesse longo caminho. Gratidão também a todas as pessoas, destinatários de sua missão que sempre a animam e incentivam a seguir em frente.

Há **100 anos** nossa palavra é **COMUNICAÇÃO**

100 ANOS PAULUS

Sumário

06 **Entrevista**

Educação política a serviço da democracia

O professor Humberto Dantas, cientista social, mestre e doutor em Ciência Política pela USP, autor do livro Introdução à política brasileira, pela PAULUS, colunista de TV e Rádio, relata a sua rica experiência em projetos sociais de educação política e instituições educativas

11 **Saúde**

Poluição: o mal da sociedade moderna

Pesquisa comprova o nível alarmante da poluição, faz alerta e traça cenário para o futuro

24 **Cultura**

Memória viva ao alcance de todos

O acervo de 15 mil histórias, 72 mil fotos e documentos, 73 exposições e 67 publicações ajuda a contar a história dos últimos 100 anos do Brasil no Museu da Pessoa

26 **Política**

Movimento Voto Consciente e as eleições

O trabalho de conscientizar e educar os cidadãos para encarar as eleições, o papel da escola e a sociedade nesse contexto

28 **Tecnologia**

Teclando com o ensino

Proibido na sala de aula, mas inseparável dos estudantes, o celular, assim como outras mídias, desponta para um caminho possível, que leva em conta uma geração que já nasceu com a tecnologia nas mãos, mas que precisa de orientação e técnica pedagógica para se tornar um instrumento de ensino

Seções

CAPA

14 **Futebol e escola dá jogo?**

Futebol também entra na sala de aula? Conheça os exemplos que algumas escolas prepararam para aproveitar a Copa 2014, na classe, quadra ou campo. Conheça o desdobramento do tema para disciplinas como matemática, geografia, língua portuguesa, arte, entre tantas outras

20 **Reflexão**
Palavras são vida ou morte,
por Alexandre Carvalho

21 **Literatura**
Versos alados,
por Antonio Iraildo Alves de Brito

22 **Filosofia**
A Esperança como mutirão,
o Tempo como escolha,
por Mario Sergio Cortella

32 **Li, Gostei e Recomendo!**
Grande vencedor do prêmio Jabuti, na categoria comunicação, a coluna traz o livro História do Jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual de José Marques de Melo,
por Sérgio Luiz Gadini

34 **Sala de Aula**
Projeto literário Clube do Leitor,
por Nizinha Borba

36 **Páginas Abertas Indica**
Filosofia, didática, comunicação, adolescência e aventura estão entre as indicações de leitura

38 **Crônica**
Navegando pela história das palavras,
por Douglas Tufano

Encarte

Especial Formação de Professor

Nesta edição, o encarte aborda o livro Rosa Formosa, de Andrea Viviana Taubman, com ilustrações de Eliana Delarissa. A obra conta a trajetória de uma semente que acaba caindo em um local onde não havia outras flores plantadas. Elaborado por Beatriz Tavares de Souza, o projeto pedagógico enfoca a oportunidade de abordar assuntos relacionados ao letramento, natureza, meio ambiente, formação, além de refletir sobre valores de cada um.

Páginas Abertas

Ano 39 – nº 57 – 2014
Janeiro - Fevereiro - Março
ISSN 1414-4638

Diretor Presidente
Valdir José de Castro

Diretor-geral
Paulo Bazaglia

Diretor de Difusão
Abramo Parmeggiani

Diretor de Produção
Evandro Antônio Mazzutti

Diretor de Redação
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho Editorial
Tom Viana, Dílvia Ludvichak e Marcelo Balbino

Arte
Jorge D' Andrade Júnior

Reportagem e Edição de Texto
Marcelo Balbino

Revisão
Bárbara Conte

Colaboradores
Alexandre Carvalho, Antonio Iraildo, Beatriz Tavares de Souza, Douglas Tufano, Sérgio Luiz Gadini, Marina Sales L. de Barros, Mario Sergio Cortella, Nizinha Borba.

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br
A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.
Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

A assinatura da revista PÁGINAS ABERTAS é gratuita. Para mais informações, ligue: (11) 3789-4000

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br

100 ANOS
PAULUS

Editorial

Futebol e política
em campo neste ano

Um novo ano cheio de novidades se aproxima e já caminha, a passos largos. Se pode ser melhor ou pior, talvez ainda seja cedo para dizer, mas com certeza será diferente. E, como sempre, a educação tem papel fundamental mais uma vez. Como a força motriz de um país que se mostra ao mundo, pela porta do futebol e a Copa no Brasil. Ou então pelas eleições, como ferramenta principal de conhecimento, consciência e bússola do caminho social do país.

Nos dois casos, a educação é o elo que torna os planos possíveis. Por isso, nossa matéria de capa retrata a Copa e a escola. Afinal, futebol e educação pode sim bater uma bola juntos e demostrar ótimos resultados. Acompanhe exemplos do que algumas escolas planejaram para aproveitar o evento dentro e fora da sala de aula. Leia sobre o desdobramento da copa no ensino da matemática, história, geografia, língua portuguesa e tantas outras, assim como os exemplos do Museu do Futebol.

Outra ocasião não menos importante são as eleições no Brasil. Por isso, convidamos o cientista político, professor e escritor Humberto Dantas para entrevista da edição. Com grande experiência no tema, ele nos aponta os melhores caminhos entre a política e educação, assim como a importância do voto consciente. Por falar nisso, vai pela mesma direção, o artigo da educadora Marina Sales L. de Barros, voluntária do Movimento Voto Consciente, ou seja, a importância da política e do ato de votar.

Em tecnologia, enfocamos como anda a questão do celular e seu potencial de ensino. Como fazer para que o aparelho se torne um aliado do professor na hora de ensinar? O que pensam os educadores e o que está sendo feito em sala de aula?

Da comunicação para a saúde, a ligação entre a poluição e a sociedade não anda bem. Leia sobre a recente e mais ampla pesquisa realizada sobre o tema e que coloca o problema à frente de conhecidas doenças como o câncer de mama ou aos acidentes de trânsito. Educar e conscientizar gerações futuras estão entre os desafios da construção de uma rua, bairro, cidade, estado e um país melhor para todos os indivíduos.

E por falar em pessoas, conheça um pouco do importante trabalho realizado pelo Museu da Pessoa, com a gravação e o registro de muitas e variadas histórias da nossa sociedade. E você também pode participar!

Enfim, mais um ano para grandes ideias pelo caminho da educação. A você, que nos acompanha sempre, ou que acaba de chegar, um ótimo ano e grandes realizações.

Boa leitura e até breve!

Equipe Páginas Abertas

Educação POLÍTICA a serviço da democracia

O professor Humberto Dantas, cientista social, mestre e doutor em Ciência Política pela USP, autor do livro *Introdução à política brasileira*, pela PAULUS, colunista de TV e Rádio, relata a sua rica experiência em projetos sociais de educação política e instituições de educação. Segundo ele, o conceito de democracia, qualquer que seja, se respeitado, associa-se à participação e educação; de fato, nós somos os próprios responsáveis por tudo o que assistimos na política. Daí a importância em questionar, cobrar, participar, tomar conta e estar preparado para isso. Acompanhe a seguir um pouco do pensamento do nosso entrevistado.

Divulgação

Qual é a sua formação e o ramo de atividade atual?

Sou cientista social, mestre e doutor em Ciência Política pela USP. Minha principal atividade é a docência em instituições de educação superior e em projetos sociais de educação política.

Como o Sr. começou a lecionar? Em que momento ocorreu a transição de aluno para professor e como foi esse processo?

Recebi um convite durante o mestrado, ainda jovem, com 24 anos. Eu trabalhava na FIPE, a fundação de economia da USP e tinha grande admiração por meus chefes, todos professores da instituição. Sentia que desejava lecionar, mas não sabia por onde começar. Foi quando veio a proposta da Anhembi Morumbi para trabalhar em cursos sequenciais. Aulas todas as noites durante cerca de duas ou três semanas. Foi muito interessante, eram alunos mais velhos, mais maduros. Aprendi demais.

Como o Sr. analisa o papel do professor na sociedade atual?

Um papel desgastado, corroído por avanços e valores novos que devem ser entendidos e analisados, para que possamos repensar nosso papel. Ele certamente é imenso e ainda temos um peso enorme. Precisamos formar, mas precisamos ser re-formados. Discutir isso é dolorido, pois por vezes temos outras expectativas e valores que não aqueles que deve-

mos praticar. Não estou falando em aceitar qualquer coisa, ou subverter lógicas relevantes no campo da educação, mas precisamos entender que estamos vivendo outro momento.

Em sua visão, qual é o grande mérito e o grande desafio em ser professor na atualidade?

O grande desafio está associado à enorme velocidade com que estamos assistindo, faz algumas décadas, a sociedade se mover. Estamos preparados para captar, decodificar, enfrentar e atuar sob esses novos princípios? O mérito está relacionado ao desejo de educar, à crença na capacidade que temos de transformar positivamente a vida de um aluno e sermos transformados por eles.

De forma geral, o tema "política" está presente na escola ou gestão escolar?

Não. Estamos distantes disso. Ainda é tema proibido. Pense que temos diretores de escolas que ainda proíbem alunos de formarem grêmios. Pense que por vezes sequer somos orientados para o lance inicial de nossa vida política formal. O Brasil não tem a democracia como valor cotidiano, e nesse caso anulamos as possibilidades de politizar, de ensinar política de maneira suprapartidária e responsável. Isso é urgente. Não estamos construindo um parque de mão de obra e nem uma nação de ignorante, estamos sonhando em construir uma Democracia, e sem educação política isso nunca vai existir.

Existe algum modelo de ensino ideal para formar estudantes mais engajados e politizados?

Não saberia dizer se existe um "modelo", pois não sou um estudioso da educação ou da pedagogia. Mas sei dizer que precisamos adotar princípios democráticos na formação geral de nossos jovens. Precisamos mergulhar em aspectos que ofertem mais liberdade de escolha e de construção conjunta, algo mais horizontal. Para muitos, isso é utopia, tenho dó de quem pensa na incapacidade de encantarmos para o compromisso coletivo, mas vejo isso acontecer demais. Uma pena. Está em nossa cultura.

Como o Sr. analisa a presença dos jovens nas ruas, em protestos?

Genial, do ponto de vista da percepção do quanto isso é relevante: o externar de um desejo, de uma vontade. Lamentável, por vezes, se considerarmos o uso da violência de todas as partes envolvidas em alguns desses atos e, sobretudo, muito triste a falta de uma compreensão geral sobre o funcionamento da administração pública, o encaminhamento daquilo que, passado o instante inicial de apresentação de um grito de "basta" poderia se converter em atitudes concretas. O que quero dizer com isso? Já imaginou se tivéssemos educação política, democrática e suprapartidária nas escolas desde 1988, quando promulgamos a Constituição Cidadã? Já imaginou o nível de cobrança em todos os sentidos? O grau de responsabilidade? A percepção de coletivo? Se os manifestos tivessem ocorrido sob valores mais sólidos, teríamos resultados mais concretos.

Na sua visão, existe um formato de ensino para a política? Como e qual professor poderia ou deveria desenvolvê-lo?

Primeiramente, temos o desafio do suprapartidarismo. O professor de política estuda o tema e certamente tem uma leitura de mundo que o leva numa direção partidária. Não estou falando em filiação e militância, mas em simpatia e, por vezes, fidelidade. Como trabalhar isso na vida desse profissional e conscientizá-lo de que existe algo maior que suas percepções pessoais? O que devemos levar para a sala de aula é uma capacidade extraordinária de provocar o aluno para o exercício cotidiano e formal da política. Do micro ao macro ambiente. Esse é o princípio ético, moral da educação política. A segunda questão está relacionada à formação: estamos falando de uma temática que carrega transversalidade. Já imaginou que o sistema proporcional de eleição pode ser ótimo instrumento para o professor de matemática? O conteúdo histórico, a lógica da geografia, a filosofia, e por fim a sociologia como disciplina central desse processo. Muito pode ser feito, e criatividade não nos falta. Em cursos que oferto em escolas públicas ou para jovens inseridos em projetos de ONG's, apresentamos sempre um conceito central e depois realizamos debates. Mas é possível, no longo prazo, caminhar para algo mais amplo.

Os professores de ensino fundamental e médio estão preparados para lidarem com o tema da política? Em que momento seria ideal abordá-lo?

Em linhas gerais, tenho certeza de que muitos já fazem. Mas, precisamos atentar que a política não é o que as

pessoas acham que ela seja, e seus conteúdos têm uma lógica. A política é uma ciência e pode ser transmitida de maneira formal dentro de princípios teóricos e práticos. Assim, se muitos promovem, resta saber se há quem esteja fazendo de maneira responsável. Parte do que vejo está ligada ao "empoderamento" do jovem em relação às políticas públicas. Responsabilizá-lo por uma leitura de mundo e por ações de aferição e mudança da realidade, do entorno. Gosto muito dessa abordagem prática, capaz de abrir as portas da cidadania mais ativa. Isso é genial.

Como o professor pode se atualizar ou se reciclar para o ensino da política na escola?

Primeiramente, é necessário que se afaste de um sentimento visceral de política, da sensação de que sua leitura de mundo partidário - se ela existir - é única. A bandeira tem que ficar do lado de fora da sala. Em segundo lugar, devemos considerar que a visão negativa da política precisa ser esquecida. A política formal é o instrumento de transformação, o mecanismo do "trazer algo novo" ou de "garantir que o garantido aconteça". Um professor de política tem que transmitir o otimismo de quem acredita na mudança desejada e planejada, pautada em direitos. O segundo passo é construir a realidade com base nas informações, na história, na conjuntura, nas regras e canais existentes. Somos um "abridor de mentes e olhos" e lutamos contra o preconceito daqueles que acreditam que a distância, longa, é a chave para a posição das pessoas em relação à política. Está errado! Ou estamos próximos, unidos, vigilantes, corresponsáveis, ou estamos fora. E fora não podemos ficar, pois isso é sinônimo de exclusão.

Na sua visão, qual é a importância da escola no sentido de conscientização política e construção de uma sociedade melhor?

É o local ideal para tudo começar. Na Alemanha, vi, na prática, de perto, uma aula de valores. Meninos de seis a sete anos discutindo a relação deles como grupo. Construindo, juntos, as regras para a vida em coletividade, conhecendo limites postos pelo coletivo. Na medida em que vão amadurecendo, o compromisso deixa de ser com sua sala e se converte em algo maior. Primeiro com a escola, e por fim com a comunidade em que vivem. Isso é genial. É na escola que controlamos, assistimos, orientamos todo esse conjunto de princípios, que devem ser transmitidos para nossos jovens. O que queremos? Uma sociedade mais justa, menos violenta, mais democrática? E onde acham que teremos isso? Nas famílias? E quem não tem família? Está fadado à marginalidade? Nunca! E o que esperar dessa família em termos de formação política? Se pudéssemos esperar mui-

to, o país estava politizado. Quantos pais sabem e transmitem política de forma responsável aos seus filhos? Se existissem milhões, éramos outra nação. Ou o conteúdo político é formalmente transmitido nas escolas ou viveremos a sensação de ruindade e afastamento da política. Não tem segredo nem fórmula mágica: ou educa ou educa. O problema é que isso ainda está longe de ocorrer. Tem gente no meio acadêmico afirmando que esse tipo de conteúdo é penduricalho. Que o importante já está na escola, nas disciplinas formais. Eu fico me perguntando o que pretendemos como país, se não tiramos do ensino médio um sujeito que entenda muito de saúde, economia, direitos, meio ambiente e política. Demorei pra entender um pouco de cada uma dessas coisas e me entristeço com os conteúdos que tive no ensino médio, por exemplo. No ensino médio, sinto que eu tinha um passatempo. Aprofundei conteúdos, mas não fui formado como sujeito-cidadão. O que desejamos com isso? Aonde chegaremos? A resposta está nas ruas, na realidade, no cotidiano. E não é boa.

Como o Sr. analisa o comportamento brasileiro diante de temas políticos? Existe uma preocupação, mobilização, conscientização ou fiscalização maior?

Depois de formar quase 300 turmas em cursos livres de formação política, posso garantir que existe, nele, a percepção de que se sabe pouco e que deveria saber mais. Isso já me deixa muito contente. Agora, falta empurrar isso para dentro da escola e ampliar esse conhecimento. Se nada sei e se dependo disso para caminhar, só posso esperar que as pessoas percebam a relevância disso. Por fim: devemos entender que somos, sim, os responsáveis por tudo o que assistimos na política. Questionar, cobrar, participar, tomar conta. É isso! Mas precisamos estar preparados. O conceito de democracia, qualquer que seja, se respeitado, vai dizer que o termo está associado à participação e educação. O primeiro ponto a gente contempla com eleitores, o segundo precisa ser construído. Voltando à pergunta: as pessoas já perceberam que precisam entender mais. Demos o primeiro passo.

O seu trabalho atual se relaciona com a escola? De que maneira e quais os resultados?

Trabalho com jovens em muitos dos cursos que dou. Os mais livres, abertos a toda comunidade sempre têm jovens. Mas, entre 2011 e 2012, visitei vinte escolas com ações de educação política. Cursos rápidos, três dias (manhãs) com resultados interessantes em termos momentâneos. O intuito era realizar reflexões sobre democracia, estrutura do Estado e funcionamento dos direitos. Coisa simples, introdutória. Vi alunos tendo ideias e chegando a reflexões muito maduras. Percebendo seus respectivos papéis na sociedade. Dar voz é essencial e costumamos fazer isso. Aprendemos muito. Acredito que esse seja o principal resultado: plantar na cabeça do sujeito algo que o incomode. O resto eu não tive tempo de fazer. Sou, nesse sentido, apenas um provocador. Mas para completar, agora, deixamos de ir às escolas nesse projeto específico que realizamos com uma fundação alemã e passamos a trabalhar em ONG's que formam jovens para o mercado de trabalho. O resultado é ainda mais genial. Isso porque estamos entrando, aos poucos, nos programas de formação. Impactando nos conteúdos e fazendo valer o desejo em politizar de forma mais consistente. Não tenho como mensurar hoje os resultados, mas acredito nesse trabalho.

Como foi o trabalho realizado para o livro *Introdução à Política Brasileira*? Qual a contribuição da obra para os professores?

Esse é o menino dos meus olhos, o projeto que concretizou o sonho de um grupo de cientistas políticos e profissionais de carreiras, a fim de formalizar o que ensinamos e discutimos em sala de aula. O livro é de 2007, e tive a honra de organizá-lo com um grande amigo e professor de ciência política que hoje coordena o curso de Ciência Política na Unirio - José Paulo Martins Jr. Temos um conjunto de jovens cientistas políticos à ocasião tratando de temas fundamentais de maneira simples e didática. Algumas coisas já mudaram, mas, ainda assim, temos uma bela obra. Uma bela introdução. Soube que o livro foi adotado em algumas faculdades por professores de política de diversos cursos. E o livro pode, certamente, ser muito útil a professores de ensino médio para adensar conteúdos e ideias.

Em ano de eleições, como o professor pode ajudar seus alunos para uma escolha consciente?

Esse é um problema da educação política. As pessoas querem nos ou-

vir mais nas eleições. Resolver um problema estrutural construindo conteúdo por meio de palestras em setembro, com eleições em outubro. Não pode ser assim. A política é diária, e não um processo sazonal que acaba quando lemos a palavra "fim" na urna eletrônica. O começo é ali, e aquilo dura quatro, oito anos. Quatro ou oito anos de acompanhamento, debate, avaliação e construção conjunta. Isso precisa ser assimilado e é global, geral, amplo.

Como as pessoas podem participar em seus papéis de cidadãos, e avaliar o sistema político ou os parlamentares?

Primeiro desafio é entender para que serve e como funciona tudo isso. Em segundo lugar, é estabelecer uma relação de coautoria. Os políticos somos nós. Existem bons métodos e algumas organizações fazendo coisas interessantes.

Existem livros, sites, blogs ou fontes de informação que o Sr. indicaria aos professores como ferramenta de ensino para a política?

Livros como *Introdução à política brasileira*. Sites de todos os serviços públicos e de uma série de ONG's que educam politicamente. Tem um portal chamado *webcidadania* que tem um monte de ideias de ONG's que atuam nessa área de política - das mais diferentes formas e métodos. Eu criei, recentemente, com um grupo do terceiro setor chamado Voto Consciente, do qual faço parte desde 2002, o site www.deolhonolegislativo.com.br sugerindo um olhar sobre o parlamento. Se professores tomassem isso como desafio, teríamos um país mais próximo do legislativo, o poder símbolo da democracia. Já imaginou? Tem muita coisa legal na web!

Diante de tantas informações das campanhas políticas, existe alguma maneira de filtrar as informações e criar um olhar independente?

Não gosto dessa palavra *independente*. Prefiro pensar na criação de olhares coletivos, criados por jovens inseridos em realidades lidas e entendidas, com desejo conjunto de transformação. O que existe de leitura pode ser adicionado a esses olhares: o conteúdo da mídia, os partidos, todos leem a sociedade. Devemos ler também, comparar, entender, adicionar, criticar.

> **"Pense que temos diretores de escolas que ainda proíbem alunos de formarem grêmios"**

O filtro libertador, no entanto, é de longo prazo. Não existe alguém que leia para mim a realidade. Quero que cada um leia. A educação, nesse caso, liberta e transforma. Traz o sujeito para o debate público e coletivo. O valor é esse.

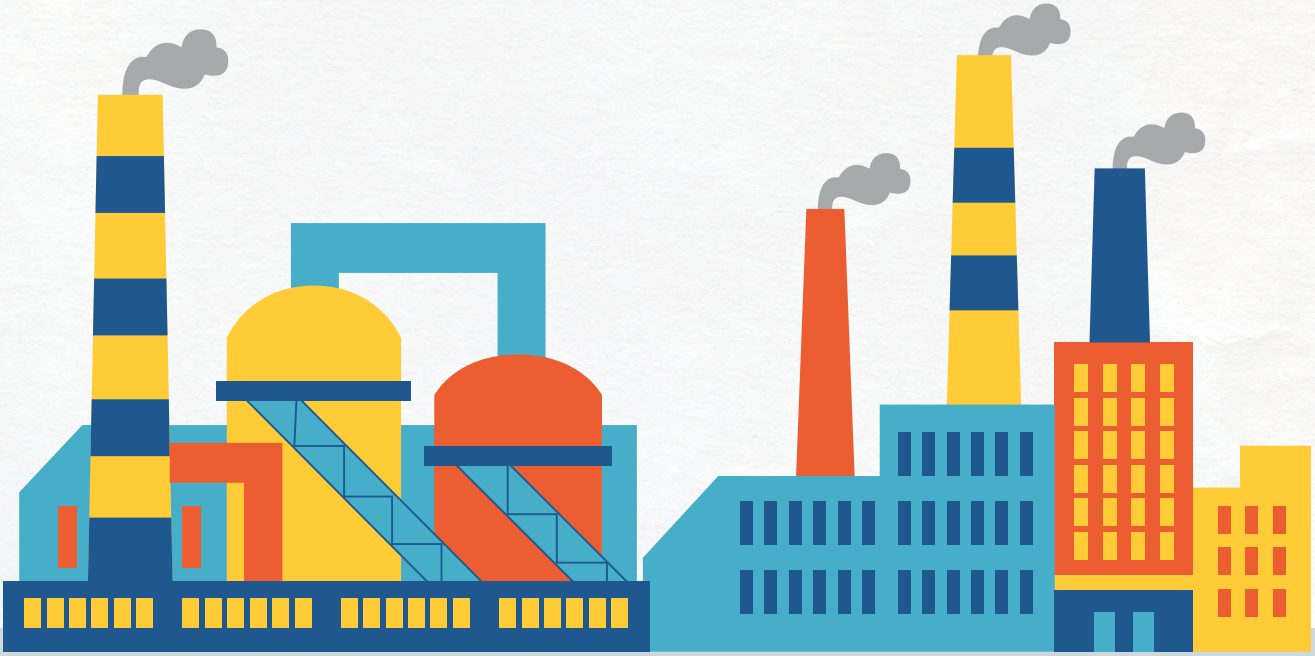
Na sua visão, o professor pode utilizar as recentes manifestações como material de ensino? De que forma?

Sem dúvida. Isso é história, é conjuntura. Veja que riqueza um professor que leva imagens de cartazes de manifestações realizadas por todo o Brasil. Veja se existe diferença entre as coisas pedidas. Claro que existe. Agora, solicite ao aluno que entenda o que cada uma daquelas demandas representa em conjuntura local. Pesquisem na web. Dia desses, fiz isso com um grupo. Eles sequer sabiam o que era Belo Monte, e foram pesquisar por que, na região norte, alguns cartazes questionavam a usina. Percebe? Isso é apenas uma ideia. Mas tem muita coisa: a forma de noticiar o cotidiano pode ser questionada, a maneira de agir dos manifestantes, etc. Tudo isso sem paixões, utilizando métodos consagrados na sociologia.

Como anda o seu trabalho atualmente e quais os projetos futuros?

Tenho os cursos de política na Oficina Municipal, uma ONG em Pinheiros. Os que ministro são gratuitos. Tenho a Fundação Konrad Adenauer financiando cursos nas ONG's de ensino profissional para jovens. Tenho uma inserção diária na Rede Vida de TV e duas na Rádio Estadão. Estou trabalhando em alguns projetos de pesquisa de acompanhamento do Legislativo. Ajudo também na organização de dois livros sobre política, mais técnicos, e estamos estudando oferecer a um meio de comunicação um conteúdo de educação política para ir ao ar, pela web ou coisa parecida. O que faço já me consome bastante tempo, e hoje estou encantado com o que jovens cientistas políticos estão tentando fazer nesse sentido. A energia deles me motiva a continuar lutando. Temos que formar uma imensa rede, e isso é essencial.

POLUIÇÃO O MAL DA SOCIEDADE MODERNA



Saúde

Responsável pela morte de **2 milhões** de pessoas no mundo em 2011, a **poluição** cresce em ritmo alucinante e já se coloca entre os principais problemas de saúde pública do país, com números alarmantes. Enfocar a questão em sala de aula também pode ajudar a mudar esse cenário.

Pesquisas e estudos recentes comprovam o que algumas pessoas já percebiam no ar: a poluição em São Paulo atingiu níveis alarmantes. Para se ter uma ideia, só no ano de 2011, o problema matou 4655 pessoas na capital paulistana. Números de muita expressão quando comparados com outras causas de morte, como por exemplo: no mesmo ano, o câncer de mama tirou a vida de 1277 pessoas e 1556 indivíduos perderam a vida em acidentes de trânsito.

Os dados são provenientes do estudo do Instituto Saúde e Sustentabilidade (www.saudeesustentabilidade.org.br), apresentado no Seminário de Mobilidade Urbana X Saúde Pública, em São Paulo (SP) em 2013. O trabalho prossegue, sob a coordenação da médica Evangelina da M.P.A de Araújo Vormittag, especialista em Patologia Clínica e Microbiologia e doutora em Patologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

O Instituto de Saúde e Sustentabilidade é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) que tem foco em cidades, especialmente sobre o tema da saúde humana. "A ideia é traduzir linguagem técnica ou médica para público leigo, mobilizar a sociedade, conscientizar a população e transformar resultados em discussões políticas", conta a Dra. Evangelina.

A partir do intuito da mobilização, foram divulgados dados que representam um panorama da poluição do Estado de São Paulo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o limite para as médias de MP 2,5 (material particulado no ar como uma poeira fina) por ano deve ser no máximo até 10 microgramas por metro cúbico. Porém, a leitura na cidade de São Paulo, em 2011, por exemplo, foi de 22,17 microgramas por metro cúbico, algo bem acima dos níveis ideais.

De acordo com a Dra. Evangelina, os dados exagerados da poluição afetam principalmente as crianças e os idosos. "Devemos lembrar também que o poluente é um agente tóxico, com dose, tempo de exposição e resposta. Por isso, os altos níveis de poluição se expressam em asma, bronquite, pneumonia, isquemia, enfarto, entre outras doenças".

Conscientização

Cerca de 92% da população acredita que o quadro das emissões exageradas de poluentes é muito grave, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Ibope.

Mesmo assim, apesar da conscientização das pessoas, acredita-se que são as políticas públicas que devem mudar, com a adoção de uma postura mais séria sobre a questão. "Diminuir a fonte de poluição é benefício em saúde e não é difícil limpar o ar", conta a Dra. Evangelina.

O estudo do Instituto Saúde e Sustentabilidade também detectou, a partir da inspeção veicular, que 75% da frota foi examinada em 2011 e houve redução de 38% de emissão de material particulado. Por isso, também diminuíram o número de mortes e internações. Caso ocorresse a inspeção em 100% da frota na região metropolitana de São Paulo haveria um benefício de redução de 1560 mortes e 4 mil internações, de acordo com os dados.

No campo do ensino, muitas escolas já trabalham bem outras questões como a reciclagem do lixo e de materiais e o reaproveitamento da água, por exemplo. "Creio que a questão ambiental e a poluição do ar deveriam também ser abordados com o objetivo de conscientizar os alunos. Por exemplo, o professor de ciências seria um bom exemplo para explorar o tema", sinaliza a Dra. Evangelina.

O Instituto Saúde e Sustentabilidade possui uma biblioteca, que pode ser acessada pelo site (www.saudeesustentabilidade.org.br) e possibilita a realização de pesquisas em artigos científicos, documentos institucionais e jurídicos, entrevistas, mídias, teses, além de documentos de autoria do Instituto, como outros relacionados às temáticas saúde e sustentabilidade.

Dados importantes sobre a poluição

- Estima-se que a poluição seja responsável pela redução de 1,5 anos de vida na região metropolitana de São Paulo, com um custo que varia entre centenas de milhões a mais de um bilhão por ano a depender da metodologia dos estudos;

- A poluição do ar mata mais que o cigarro. Embora o cigarro tenha efeitos imediatos muito piores, ele ataca principalmente aos fumantes, enquanto a poluição atinge a todos;

- A poluição atmosférica foi responsável pela morte de 2 milhões de pessoas no mundo em 2011 (65% na Ásia), mais de 200% acima de uma década antes - que era de 800 mil. Na Europa, são 310 mil mortes prematuras anualmente, com um custo entre 427 e 790 bilhões de euros;

- O impacto da poluição de veículos, responsáveis por 95% dos poluentes na cidade de São Paulo, causa o triplo de mortes em relação a acidentes. São 4.600 mortes decorrentes da poluição, em comparação com as 1.552 por acidentes;

- Com a inspeção veicular, em dez anos, evita-se a morte de 156 mil pessoas e gastos públicos na ordem de U$ 212 milhões. Ou seja, uma taxa de retorno investida de 1: 9,9;

- De acordo com relatório de 2012, da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), até o ano de 2050, se providências não forem tomadas, a poluição por material particulado e ozônio será a principal causa de morte relacionada ao meio ambiente mundialmente;

- Caso todos os ônibus a diesel passassem a usar etanol, haveria redução de 4.588 casos de internação hospitalares e 745 casos de morte por ano, o que equivale à diminuição dos gastos públicos em U$ 1,4 bilhão por ano;

- A avaliação da qualidade do ar existente hoje está bastante desatualizada diante do avanço dos estudos científicos mundiais, uma vez que o padrão definido pela União é dos anos 90;

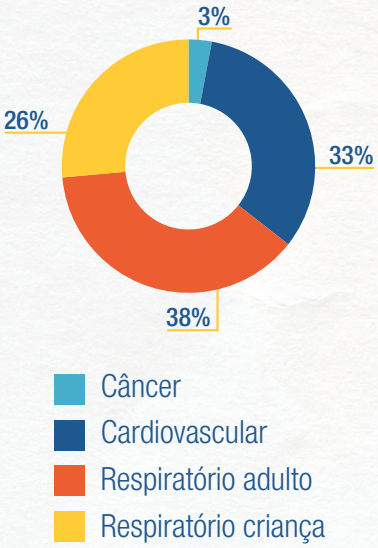
- O Estado de São Paulo possui uma área de aproximadamente 249 mil km², com a maior ocupação territorial, desenvolvimento econômico e maior frota automotiva. Em 2011, relatório da CETESB apontou que esse número foi de 13.640.786 veículos.

INTERNAÇÕES ATRIBUÍVEIS À POLUIÇÃO EM 2011

SÃO PAULO

68.499

INTERNAÇÕES



FUTEBOL & ESCOLA dá jogo?

Os alunos não falam em outro assunto, pois, além de ser futebol, a Copa do Mundo será aqui! Enquanto isso, o Brasil faz os ajustes finais para receber muitos países e realizar um grande evento mundial, mas afinal de contas, futebol também entra na sala de aula?

O futebol é um dos assuntos que mobiliza toda a sociedade e muita gente arrisca dizer que é um esporte diferente, no qual nem sempre o melhor ou maior vence, mas aquele que consegue marcar mais gols. No âmbito desse esporte, as pessoas se tornam mais parecidas, independente de idade, profissão, classe social ou qualquer outro fator. Todos são torcedores, acompanham e se arriscam em comentar sobre jogadas, adversários, técnicos e jogadores. Assim como em alguns outros países, futebol é de fato o esporte nacional e mobiliza muita gente. Enraizado na sociedade brasileira, o tema pode ser utilizado na aprendizagem, tendo como vantagem o conhecimento prévio que os estudantes apreendem desde os primeiros anos de vida.

Matemática x futebol

Para o Instituto de Educação Manoel da Nóbrega (Iemano), em Diadema (SP), o futebol dá o que falar... E aprender também. Tudo isso começou no ano de 2012, nas aulas de matemática, nas temidas aulas de geometria, que desesperam tantos alunos.

A ideia da escola é aproveitar acontecimentos, como a Copa do Mundo de Futebol para dar mais sentidos às aulas e enriquecer o conhecimento dos alunos, já integrados nesse contexto. E por que não aproveitar tantas retas, desenhos, e tantas coisas que acontecem dentro de um campo de futebol? A bola (uma circunferência), as posições dos jogadores (formas geométricas), ou um ponto para cobrar um pênalti ou uma falta (ângulos); e até mesmo estatística, sobre o cálculo das tabelas para descobrir quais times continuam e participam das próximas fases da competição, até a semifinal e final.

Ao mesmo tempo, a escola aproveita para aguçar a curiosidade dos alunos em conhecer e saber um pouco mais sobre os países que participam da copa. Aí entram em campo os chamados temas transversais e pluralidade cultural, como meio ambiente, saúde, trabalho, consumo, que permitem aos alunos a descoberta e o conhecimento de diferentes culturas.

Para o colégio Arbos, de São Bernardo do Campo (SP), a proposta é utilizar o futebol como conteúdo da disciplina de educação física e apresentar esse esporte em suas diver-

sas possibilidades. Dessa forma, são estudadas as regras, fundamentos, jogos pré-desportivos, jogos adaptados, jogos competitivos, entre outros. Ou seja, a ideia é compreender o futebol e suas possibilidades.

A escola realiza uma leitura crítica da modalidade que, durante o ano todo, analisa além da festa e do futebol. Por conta disso, o colégio optou em não fazer uma programação especial para a Copa do Mundo. Isso porque o planejamento já prevê a tematização do futebol, como a cultura de determinados lugares e grupos; e por isso o tema é visto ao longo da programação letiva e não de forma pontual.

Dessa forma, os educadores da disciplina de Educação Física do Arbos são escolhidos por terem um comprometimento com a educação global dos alunos, ou seja, na visão da escola o futebol sempre vai além das quatro linhas. As atividades extracurriculares, como as equipes de treinamento e escolinha de futebol para o Ensino Fundamental I, buscam resultados que não são cobrados, além daqueles do próprio âmbito escolar, como participar e compreender.

Museu do futebol: goleada de educação

Engana-se quem pensa que só os professores de educação física visitam o Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu, em São Paulo (SP). A casa possui a organização social e cultural do Instituto de Arte do Futebol Brasileiro, além das parcerias com a Fundação Roberto Marinho e as secretarias de Esporte Lazer e Recreação do Município e também da Cultura, do Estado de São Paulo.

Em seu programa, o Museu do Futebol criou um Núcleo de Ação Educação, que responde pela criação de metodologias que estimulem reflexões junto aos visitantes. Entre elas, destacam-se a visita escolar, o atendimento ao público espontâneo nacional e estrangeiro, incluindo personalidades, autoridades e pessoas com algum tipo de deficiência.

No campo da educação, o Museu do Futebol possui um time de 14 educadores, treinados para explicar os diversos conteúdos e apresentar variadas abordagens educacionais aos grupos visitantes. As referências apresentadas provêm tanto de pesquisas na área do esporte como em educação, e objetivam mostrar que o futebol vai muito além do gramado.

Com a ideia de utilizar o acervo do museu, para proporcionar espaço de conhecimento e aprendizado, inúmeras reflexões são discutidas sobre a importância do futebol na sociedade e na formação da cultura brasileira. As apresentações dos educadores duram 1h30min em média.

Além de palestras e oficinas, o Museu do Futebol também realiza projetos educativos, como o "Carlitos na Grande Área". Trata-se de uma parceria entre a Escola Carlitos, localizada nas imediações do Pacaembu e o Museu do Futebol. O objetivo é promover encontros que acontecem alternando o lado educativo do museu, como ensino não formal e a escola, ensino formal. O projeto busca a complementação, inter-relação e aprofundamento dos conteúdos estudados em sala de aula pelos alunos com o acervo do museu. Tudo ocorre de forma dinâmica e lúdica e visa encontrar relações entre as matérias estudadas na escola e as temáticas da exposição, enfatizando a proposta do museu para entender o futebol dentro do seu contexto histórico, humano e tecnológico.

Outro projeto, coordenado pelo núcleo Educativo do Museu, conta com dois supervisores e educadores, além da assessoria de dois residentes com níveis distintos de deficiência. O objetivo é atuar na área comportamental, incidindo e transformando o próprio atendimento oferecido pela equipe.

No projeto, são realizados encontros semanais entre educadores e deficientes residentes, pelo período de três meses. Os temas são compartilhados, sobretudo as discussões sobre atendimento e espaço expositivo. A preocupação é repensar o atendimento da equipe que faz parte do museu e, em particular, o dos visitantes com deficiência, com ênfase em cada uma delas e seus desdobramentos. A ideia é compreender melhor a sensibilização necessária para o contato com essas questões e a proximidade com o deficiente de modo a percebê-lo melhor.

O conhecimento adquirido é compartilhado com outras equipes do Museu, com o propósito de ressaltar a relação humana presente em qualquer forma do convívio.

Vestindo a camisa

No Externato Rio Branco, em São Bernardo do Campo, o futebol e o futsal são desenvolvidos tanto na disciplina de educação física quanto nas equipes de treinamento. Dessa forma, todos trabalham com o tema, desde a categoria iniciação (7 e 8 anos) até a categoria infantil (15 a 17 anos).

Além dos jogos, todos os anos o Rio Branco prepara uma camiseta de rematrícula aos alunos, e desde 2013 já foi criada a réplica da camisa da seleção brasileira, com o símbolo da escola na frente, dentro do escudo da CBF. Nas

costas o número 47, que representa a idade que a escola tem e a frase: Torcida 47 anos.

De acordo com o coordenador de esportes do Rio Branco, Caio Athel Mills, é possível medir os resultados dos projetos que envolvem futebol e escola. "Os alunos ficam eufóricos quando o futebol passa a integrar qualquer projeto! Nossas camisetas promocionais são um sucesso dentro da escola. Cada um quer garantir a sua para torcer pelo Brasil, ou seja, aliou-se a seleção brasileira com a escola e eles ficaram empolgados com isso", conta Caio.

A escola considera que o futebol faz parte da cultura e por isso é disponibilizado como prática na grade de treinamento. Este ano, o tema será tratado também fora da quadra e do campo, pois a educação física para o colégio já é uma disciplina que possui aulas teóricas e será abordado ou desdobrado em outras matérias dos alunos.

A previsão é que os professores de outras disciplinas utilizem a Copa do Mundo de futebol para aplicar as suas matérias também, embora o foco maior de concentração seja com a disciplina de educação física.

O colégio Rio Branco já utiliza campeonatos estaduais, brasileiros, em seus treinamentos, quando cada professor utiliza exemplos de modalidades. O objetivo é apresentar comparativos entre esporte de rendimento e competições, para que os alunos compreendam a filosofia esportiva. Entre outras orientações aos estudantes, também estão os cuidados com a saúde, no sentido de evitar excessos físicos, assim como ser um torcedor com responsabilidade ou o nacionalismo que envolve o esporte.

Futebol espetáculo

Para o colégio São José, de São Bernardo do Campo, o futebol é um dos conteúdos que compõem a disciplina de Educação Física, mas que também é oferecido como curso extracurricular aos alunos que desejam aprender sobre a modalidade esportiva, com turmas formadas fora do horário das aulas.

Para este ano, o colégio pretende analisar criticamente o futebol como espetáculo, dando ênfase na valorização exacerbada do profissionalismo, refletindo a modalidade como uma manifestação cultural que pode proporcionar momentos lúdicos e divertidos.

Por conta disso, a escola prevê interação com diversas disciplinas. Uma das vertentes, voltada à disciplina de História, é o estudo dos países participantes da Copa e seus costumes, ou seja, investigar se o futebol é tão popular em outros países como é no Brasil, por exemplo. Em matemática, os alunos do São José vão criar tabelas de resultados dos jogos da Copa e a partir daí realizar gráficos com o desempenho de cada time. Além disso, na disciplina de educação física, o objetivo é aproximar os alunos da ideia da troca de experiências com outros grupos, espírito de equipe, torcida organizada, respeito e cooperação entre cada um. Já nas aulas de artes, serão produzidas camisetas e bandeiras com os nomes dos países participantes da copa para os Jogos Internos do colégio.

A diretriz da escola é que os professores sejam comprometidos e participativos. Isso a ponto de aproveitarem um evento social, como a Copa do Mundo de Futebol, para desenvolverem com criatividade outros conteúdos, atentando-se sobre o que está acontecendo em seu entorno também. De acordo com a professora de educação física do Colégio São José, Jaqueline Impaléa Meireles, é possível ao final do projeto avaliar se os alunos compreenderam os conteúdos desenvolvidos e se mudaram seu posicionamento com relação às ações que envolvem o futebol. "Nosso papel, como educadores, é possibilitar uma reflexão sobre o futebol, em aspectos que divergem da coletividade, colaborando para ampliar os olhares, repensar posturas e conceitos", avalia.

Em matéria de esporte, o colégio participa dos Jogos Escolares da cidade de São Bernardo do Campo, Jogos Palotinos (que abrangem as escolas da rede Palotina) e também os Jogos de Inverno. De acordo com o colégio, participar de campeonatos fortalece o sentido de pertença, cooperação e valorização do outro, mediados pela ação do professor que conduz o grupo. "A satisfação de vencer ou o enfretamento de uma derrota são aspectos que fazem parte da avaliação constante das equipes, para se analisar as melhores estratégias que permitam alcançar resultados. Defender um time, pertencer a um time, requer esforço, determinação, meta e esses aspectos se transpõem para a vida", conta a professora Jaqueline.

O aspecto do consumismo associado ao futebol, as torcidas organizadas e a popularidade do futebol no Brasil e em outros países também serão objetos de estudos do colégio. A proposta é fazer com que o aluno tenha pensamento crítico em relação ao tema, uma vez que o futebol é parte integrante da cultura brasileira. Assim como criar as suas próprias ideias e respeitar as opiniões alheias.

BOLA CHEIA

O Instituto de Educação Manoel da Nóbrega, de Diadema (SP), na expectativa da copa no país, elaborou um projeto interdisciplinar, que visa motivar e desenvolver conhecimentos e competições curriculares. A premissa é que o futebol assumiu um enorme espaço em nossa cultura e "desmonopolizou" os símbolos nacionais. Por conta disso, o momento é de conhecer várias etnias e culturas, valorizá-las e respeitá-las, assim como repudiar a discriminação baseada em diferenças de raça, religião, classe social, nacionalidade e sexo.

Educação física – Discussão do conceito Copa do Mundo, história, principais ídolos ao longo dos tempos, esquemas táticos, gols fantásticos, gols duvidosos, curiosidades.

Artes – Analisar as cores dos países, seus uniformes, mascotes, bandeiras, ou mesmo a construção de símbolos que representem as seleções da mini Copa escolar.

Conforme o lemano, as possibilidades de aplicação e desenvolvimento de um projeto com as características citadas acima seriam infinitos. Tudo depende exclusivamente da criatividade dos professores e das relações que se estabelecem entre eles, suas disciplinas, os alunos e seus anseios.

Dessa forma, as vantagens de trazer a discussão sobre a Copa do Mundo e, obviamente, o futebol popular para a sala de aula é considerada oportunidade ímpar, com uma discussão que não é apenas vantagem, e sim necessidade, ainda na visão do colégio; pois, se isto não acontecer, o futebol continuará a ser o maior veículo de alienação e dominação servil deste imenso país.

Português – A proposta é trabalhar com vários livros sobre futebol, com as maravilhosas crônicas de Nelson Rodrigues, ou do inesquecível Armando Nogueira.

Matemática – Construção de gráficos de desempenho do próprio campeonato, ou coleta de dados das várias Copas para explorar, descobrir o que os números podem dizer sobre a história das Copas. Vamos trabalhar com tabelas de dados, geometria, etc.

Biologia - Com o professor de Educação Física, desenvolver com os alunos mais velhos as questões sobre fisiologia (ou biologia) do exercício, a partir de temas como: suor, a influência do calor e da altitude, os limites do corpo, as questões do inato e do adquirido, ou mesmo controle, por meio de pesquisas simples, sobre o gasto calórico dos alunos durante a disputa da mini Copa do Mundo na escola.

Geografia – Verificar a geografia dos países: onde se localizam, qual a língua, costumes, características culturais marcantes. Ou mesmo, semelhanças e diferenças entre os países que irão se confrontar quer na Copa ou na mini Copa do Mundo escolar.

História – Analisar a relação entre revolução industrial e a gêneses do futebol (período de crescimento do esporte), a história das Copas e suas relações políticas e econômicas ao longo dos tempos. A influência dos ditadores nas Copas, em especial de Mussolini na Copa de 34. Pensando nos alunos menores, contar as histórias das Copas, fazendo relações com os contextos de tempo, ou seja, o que estava acontecendo no mundo durante a copa de 1930, por exemplo.

Conheça a seguir alguns números e projeções sobre a Copa 2014 e que podem ser explorados dentro ou fora das salas de aula

A COPA 2014 deverá agregar 183 BILHÕES ao PIB do Brasil até 2019

ou + 0,4% A.A.

- Investimentos de infraestrutura
- Gastos incrementais dos turistas
- Incremento no consumo das famílias
- Recirculação do dinheiro na economia
- Aumento do turismo e do uso de estádios após a Copa

9,4 BILHÕES gerados por 3,7 MILHÕES de turistas

R$ bilhões, junho e julho de 2014

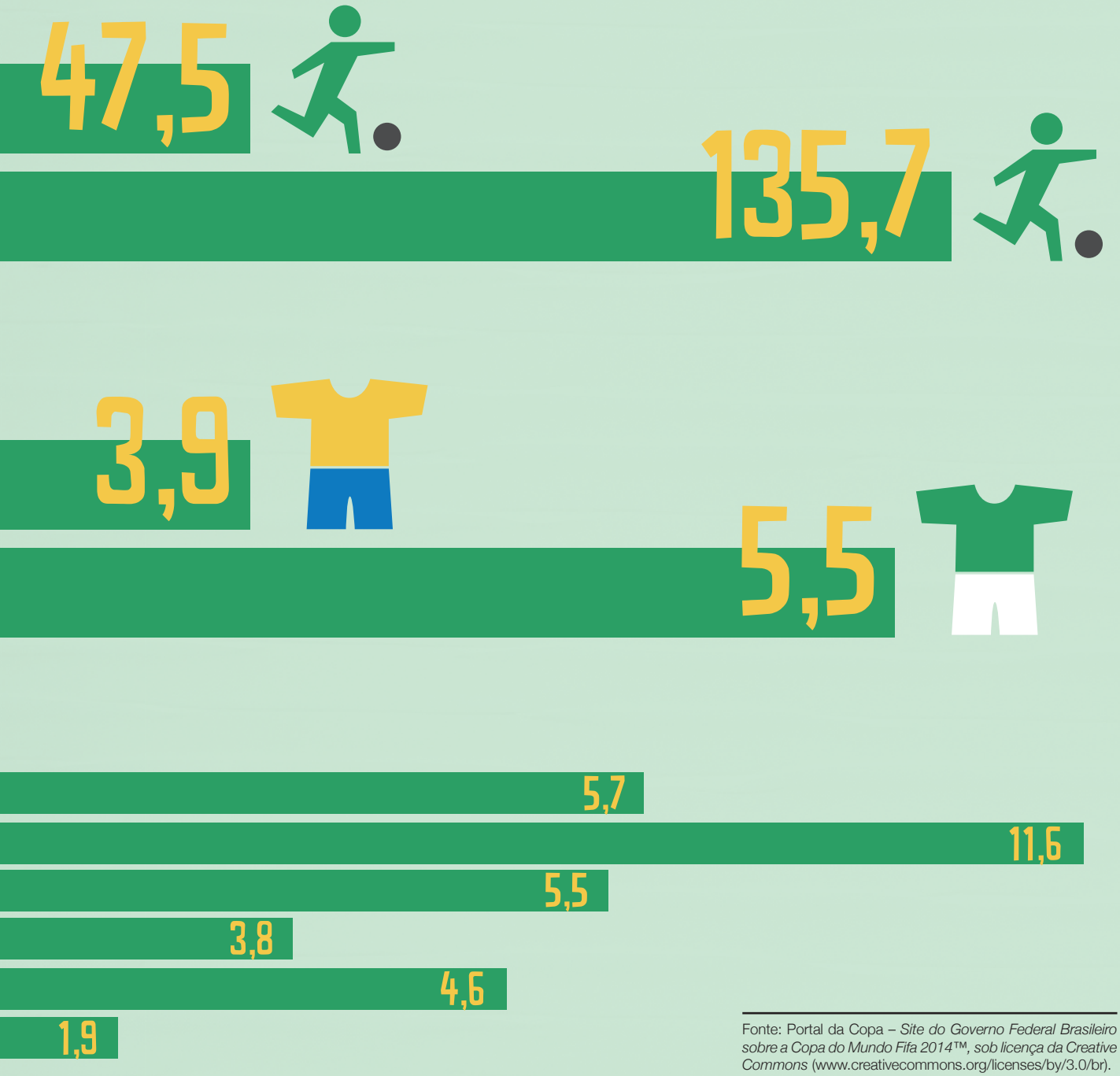
- 0,6 Milhão de Turistas Internacionais
- 3,1 Milhões de Turistas Nacionais

33 BILHÕES em investimentos em INFRAESTRUTURA

Estudo realizado em 2010, com estimativas preliminares não associadas diretamente aos projetos. Os valores não devem ser comparados diretamente com os investimentos finais.

- Estádios
- Mobilidade urbana
- Portos e aeroportos
- Telecom e energia
- Segurança e saúde
- Hotelaria

NÚMEROS DA COPA



Fonte: Portal da Copa – *Site do Governo Federal Brasileiro sobre a Copa do Mundo Fifa 2014™, sob licença da Creative Commons* (www.creativecommons.org/licenses/by/3.0/br).

Palavras
são vida ou morte

Divulgação

Palavras... que são palavras? Essa pergunta pode parecer boba ou sem sentido, mas tenho certeza de que não é. Pessoas diferentes poderiam dizer coisas diferentes sobre as palavras. Provavelmente, a maioria daquilo que seria dito faria sentido; contudo, quero ter presente aqui (e sem muitas pretensões) que as palavras têm poder, pois são mágicas.

No primeiro livro da Bíblia, que se chama Gênesis, o mundo é criado a partir do chamamento ou da pronúncia de palavras bem específicas. Do nada (ou do caos), o universo (ou a ordem) toma lugar e se tem, então, harmonia. É possível dizer nesse contexto (ou dentro dessa perspectiva) que a palavra tem poder criador e organizador. Se de um lado, as palavras são frágeis e delicadas, não podemos esquecer que elas carregam em si imponência desconcertante. As palavras, porém, têm o poder também de destruir e, na maioria das vezes, as feridas produzidas pelas palavras deixam marcas para toda vida.

Um amigo que eu não via há muito tempo, procurou-me muito feliz, pois após um longo período de namoro e noivado, finalmente, decidira se casar. Na verdade, ele e sua bem-amada já viviam como casados há algum tempo, embora em casas separadas. O passo a ser dado implicava, entre outras coisas, dividir o mesmo espaço físico ao qual chamariam de lar. Nem a casa dele, nem a casa dela. Os dois apartamentos seriam deixados para trás e, agora, uma casa abrigaria os dois. Tudo parecia muito bem! Afinal, os anos de convivência fizeram com que ambos se afinassem muito bem e se conhecessem satisfatoriamente.

- Como seria, então, o derradeiro dia, perguntei?

- Muito simples, ouvi. Mesmo porque, continuou meu amigo, já estamos juntos, de fato, há muitos anos. Só vamos selar oficialmente algo que já somos nós!

Fiquei contente por meu amigo e sabia que tudo seria muito simples, delicado e significativo: bem ao seu estilo. Entretanto, para minha surpresa, ele me ligou e percebi que sua voz estava meio estranha. O assunto: seu futuro casamento. À medida que a conversa foi avançando, sua voz se tornou embargada. Tentei mudar o assunto e até consegui por alguns minutos, mas a conversa voltou ao ponto de origem. Ouvi silêncios prolongados e bem sabia o que isso significava. Ouvi lágrimas e já não sabia mais o que dizer (faltaram-me palavras), mas estava presente: eu era a ouvidos.

Embora imerso numa relação de muitos anos, meu amigo surpreendeu-se com a proposta de sua noiva. Ela não queria nada simples ou intimista, mas algo grandioso e pomposo. Afinal, ela não estava grávida, eles não estavam em crise (muito pelo contrário) e financeiramente se encontravam bem confortáveis. Disse ela ao meu amigo também que não queria dar motivos para falatórios e maledicências. Palavras chamam à vida, palavras, também, ferem, magoam ou decepcionam. É o caso do meu amigo, as palavras ditas por sua noiva revelaram, segundo ele, uma pessoa que, até então, ele não conhecia, mas alguém com quem ele quer ficar. E agora? Empenhar ou não a vida que foi comprometida ao longo de alguns anos?

*Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantojuvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br

Especial

Formação de

PROFESSOR

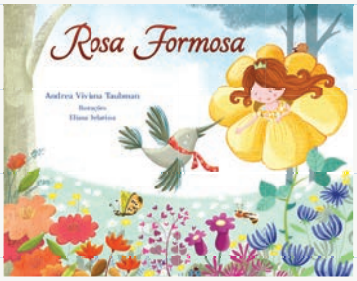
Rosa Formosa

Encarte da revista

Páginas Abertas

Edição 57

100 ANOS
PAULUS



DEIXE A ROSA FLORESCER!

Nesta edição, o encarte aborda o livro Rosa Formosa, de Andrea Viviana Taubman, com ilustrações de Eliana Delarissa. A obra conta a trajetória de uma semente que acaba caindo em um local onde não havia outras flores plantadas. Elaborado por Beatriz Tavares de Souza, o projeto pedagógico enfoca a oportunidade de abordar assuntos relacionados ao letramento, natureza, meio ambiente, formação, além de refletir sobre valores de cada um.

Título: Rosa Formosa
Autora: Andrea V. Taubman
Ilustrações: Eliana Delarissa

*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

Apresentação

O livro narra a história de uma semente, que do bico de um beija-flor cai sobre um jardim onde não havia nenhuma flor plantada. Ali, encontra dificuldades para se adaptar, precisa procurar outro lugar para se desenvolver e mostrar sua beleza natural.

Justificativa

A história permite desenvolver atividades relacionadas ao letramento, à natureza ambiental, e, ao mesmo tempo, o professor pode abordar assuntos de caráter de educação, formação, levando os alunos a refletir sobre as características e os valores de cada indivíduo (humano ou não).

Projeto Pedagógico

Como lidar com a natureza, o caráter, a individualidade de cada um.

Temas Secundários

Relacionamentos, amizade, tolerância, inclusão, ciúme, desapego.

Temas Transversais

Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho, Meio Ambiente.

Áreas do Conhecimento

Língua Portuguesa, Ciências Naturais, Geografia, Filosofia.

Indicação

Ciclo 1: indicado para alunos do terceiro e quarto ano

Objetivos

Levar o aluno a desenvolver-se em habilidade de leitura, de escrita; em prática de reflexão, debates, discussões, opiniões compartilhadas.

Antes de Ler:

O professor poderá trabalhar a temática em conjunto com outras leituras.

• Sugerimos levar os alunos a visitar jardins, exposições com variedades de flores e vegetações. Ou, ainda, solicitar cartazes com recortes de flores coladas em cartolinas com seus respectivos nomes/espécie, destacando, principalmente aquelas mencionadas no livro.

• Iniciar uma conversa com os alunos perguntando: gosta de lidar com plantas, flores?

Teve alguma experiência de ajudar no plantio ou cuidar do jardim de sua casa? Alguma vez já parou para observar as reações de uma planta que está recebendo água ou atenção de alguém? Já tentou conversar com uma flor?

• Sugerimos ampliar os conhecimentos relacionados ao tema: ajude os alunos a entender a possível comparação entre uma flor com a pessoa humana. Explique que tanto a flor, quanto o homem, cada um apresenta sua individualidade, suas características em sociedade e precisa de atenção, proteção. Mostre aos alunos que zelar, conservar o meio onde as plantas vivem e se integram pode ser comparado ao cuidado com o nosso meio de convívio social, de onde podemos moldar nossas atitudes, nossos comportamentos. Assim, alimentando a harmonia, reconhecendo o valor, as virtudes das pessoas e de nós mesmas, pode ser o mesmo que admirar, amar, cuidar de uma flor no jardim.

Iniciando a leitura:

Solicite aos alunos manusearem o livro, observando o nome das autoras, da editora; a data de publicação. Leve-os a reparar na capa, nas imagens, no intuito de perceberem o que elas estão representando nas ilustrações. Perguntas: qual a primeira impressão que o livro causou? Com este título: Rosa Formosa, em sua opinião, que tipo de história o livro tende a apresentar?

Desenvolver estratégias de leitura. Recomendamos primeiro uma leitura silenciosa; a lápis, sublinhar de leve as palavras que por acaso não consigam ler ou entender o significado. Depois, fazer uma releitura, mas revezando os papéis: ora o professor, ora um aluno, sendo o professor um modelo para o aluno observar a expressividade composta de entonação, pausa etc. Incentive os alunos a se manifestar sobre o livro. Pergunte: houve algum trecho da história que você não entendeu? Qual a sua opinião sobre o livro? O que na história mais chamou sua atenção?

ATIVIDADES

Sugerimos organizar os alunos em grupos para que possam buscar as respostas diretamente no texto, ou a partir do prévio conhecimento de mundo. Estimule-os a expressar, trocar ideias; fazer suas interpretações; descobrir os significados de frases e palavras.

Compreensão de Leitura:

Você, leitor especial do livro Rosa Formosa, responda as seguintes questões:

a) Qual o assunto abordado pelo livro?
b) Qual a personagem principal da história?
c) Onde, em que lugar tudo aconteceu?

Mapeando o texto:

Rosa Formosa, ainda semente, estava presa ao bico de um beija-flor, que, sem saber, deixou-a cair num jardim.

1. Lá, havia alguma flor plantada? Que tipo de planta havia nesse jardim?

2. Quem cuidava desse jardim gostava de plantas? Gostava também de flor? Por que você acha que esse jardineiro não gostava de flor?

3. Quando viram uma flor naquele jardim, como as plantas reagiram?

4. Escolha a alternativa que julgar correta:

Como o livro descreve o jardineiro do jardim sem flor?

a) Disciplinado, desorganizado, que gostava daquele jardim com flores.
b) Disciplinado, trabalhador, que gostava daquele jardim sem flores.
c) Disciplinado, trabalhador e organizado, que gostava daquele jardim sem flores.

O que sentiu Rosa Formosa, quando ouviu o jardineiro declarar que não gostava de flor?

a) Medo, desespero
b) Coragem, tranquilidade
c) Raiva, desespero

Sem alguém para lhe cuidar, naquele jardim, qual a solução que Rosa Formosa encontrou para sobreviver?

a) Ficar bem quieta, sem maiores exigências, conformar com o pouco do sol, de água e de nutrientes.
b) Gritar e exigir seus direitos de receber água e nutrientes.
c) Conformar com um pouco de sol, de água e de nutrientes vindos da terra.

5. Leia o primeiro parágrafo da página 13 e descreva o que aconteceu com Rosa Formosa.

6. Qual foi a reação das plantas do jardim sem flor, quando o caule da Rosa emergiu da terra?

7. Com base no livro – pág.13 – descreva:

a) As características da planta Pelo-de-urso:

b) As características da planta Costela-de-adão:

c) Qual dessas plantas o livro afirma que é venenosa?

1. Espada-de-são-Jorge 2. Coroa-de-cristo 3. Comigo-ninguém-pode

d) Você já reparou se na sua casa ou na casa de seu vizinho existem as plantas Coroa-de-cristo, Espada-de-são-Jorge ou Comigo-ninguém-pode?

e) Explique por que, então, alguém deve tomar cuidado ao se deparar com a planta Coroa-de-cristo:

8. Diante dos resmungos do jardineiro sobre o quanto não gostava de flor e o desprezo das plantas, o que Rosa Formosa determinou?

9. Que motivo levou Rosa Formosa a pedir para não florescer?

10. As flores do jardim da vizinhança entenderam por que Rosa Formosa não florescia?

11. Leia as páginas 18 e 21. Perguntas:

a) A atitude do jardineiro em querer cuidar da Rosa Formosa demonstrava carinho sem exigir nada em troca? Sim? Não?

b) O que o jardineiro exigiu da Rosa Formosa?

c) Você arrancaria uma planta ou enxotaria um animal do seu quintal, largando-os à própria sorte, só por não gostar deles?

d) No lugar de uma flor, agora vamos falar do "ser humano". Você seria capaz de cuidar, cultivar amizade pelas pessoas apenas em troca de alguma coisa?

e) E com você, já aconteceu de um colega te oferecer ajuda em troca de outro favor? Não? Sim? Como você se sentiu?

Leia:

Com a determinação que lhe era peculiar, respirou fundo e pensou: "o jardineiro se interessou por mim! Não me jogou fora nem me arrancou do jardim... Vou me esforçar e dar o melhor de mim para não desapontá-lo!".

1. Em sua opinião, o esforço de Rosa Formosa demonstrado ao jardineiro revela: respeito? Obediência? Gratidão? Troca de favores?

2. Quanto a você: em relação aos seus pais, familiares ou amigos, quais atitudes decisivas você tomaria: pediria algo em troca de seus esforços para não desapontá-los ou demonstraria reconhecimento sem pedir nada? Justifique.

3. Diante das alternativas abaixo, coloque V (verdadeiro) ou F (falso):
a) A natureza da Rosa Formosa era dar rosa amarela ___
b) O jardineiro gostava de rosa vermelha ___
c) A natureza da Rosa Formosa era dar rosa branca ___
d) O jardineiro gostava de qualquer rosa: branca, vermelha, amarela ___

4. De acordo com o livro, página 22, Rosa Formosa se sentia em dívida com o jardineiro, que havia se interessado por ela e buscava cuidar e protegê-la, "mas do jeito dele: cheio de rigores, exigências, condições".
Busque em uma das alternativas a conclusão sobre a questão: embora Rosa se sentisse na obrigação de contentar o jardineiro florescendo em tons vermelhos, seu desejo não podia ser realizado, porque:
a.) Não se pode forçar a natureza
b.) Nem todo desejo pode ser realizado
c.) Não se exige algo de quem não tem condições reais de cumpri-lo

Responda:

De acordo com o livro, página 26, o jardineiro deu as costas para a roseirinha e as plantas do jardim comemoraram. Pois bem:

1. Caracterize o comportamento do jardineiro e das plantas, respondendo com sim ou não.
a) Foi atitude de compreensão? _____
b) De tolerância?_____
c) De benevolência, de caridade? _____

2. Grife a alternativa para responder estas perguntas:
• Você, em algum momento já deu as costas para alguém?
a) Nunca b) Às vezes c) Fiz isso, mas depois me arrependi.

• Tal como as plantas, também já comemorou a tristeza ou infelicidade de alguém?
a) Nunca b) Às vezes c) Fiz isso, mas depois me arrependi.

3. Leia e depois converse com os colegas discutindo e dando sua opinião:

"Mas o tempo – que é juiz de todas as escolhas – foi passando, e Rosa Formosa, tornando-se cada vez mais triste e agressiva. Quando os passarinhos e as borboletas se aproximavam, ela logo mostrava os espinhos para espantá-los. Não queria que nada, nem ninguém, invadissem sua solidão."

a) O que levou Rosa Formosa a se tornar triste e agressiva?

b) Trazendo a história da Rosa para a realidade, que situação pode levar um animal de estimação a se tornar agressivo?

c) Você já reparou ou pensou no porque daquele colega ser quieto e agressivo? Ou, o que você faria pelo amigo, se o percebesse triste e agressivo?

4. Na página 30, observamos mudança de caráter, alguém passa a compreender o outro. Que tal você explicar e apontar os parágrafos que podem confirmar esta afirmação?

5. Busque no livro as respostas:

a) Qual foi o momento da grande virada na vida da Rosa Formosa?

b) O que Rosa Formosa percebeu para levá-la a tomar novos rumos?

c) Rosa Formosa ouviu a voz do seu coração. Pensando nisso, em algum momento, algo já te levou a ouvir ou a olhar para dentro de você?

6. Você sabe apontar onde se encontram as principais diferenças de caráter entre o jardineiro do jardim sem flor e o jardineiro do jardim florido?

Para discutir:

Em sua opinião, a decisão de Rosa Formosa em sair daquele jardim foi correta? Se o jardineiro já havia percebido o seu erro, não seria melhor ficar para florir aquele jardim? Será que Rosa Formosa também não agiu de forma intolerante, egoísta como o jardineiro, as plantas, dando-lhes as costas?

Exercitando a gramática

1. Grife os adjetivos:

"(...) Ela logo descobriu: era o jardineiro. Um homem disciplinado, organizado e trabalhador, que gostava daquele jardim sem flores, mas repleto só de plantas robustas, fortes e grandes. (...)".

2. Onde estão os verbos? Circule-os, quando encontrar:

"Aos meninos que buscam aprender a arte da jardinagem, às meninas que buscam aprender a arte da floração e a todos aqueles que desejam aprender a cultivar o amor e a compaixão dentro dos seus corações.".

3. Cadê os substantivos? Encontre-os e coloque-os nas respectivas colunas:

"Agradeço à Flávia Savary por ter lido este texto com olhos generosos da alma; ao Marcelo, que me encoraja todos os dias a amar a Rosa Formosa que sou; a Raimundo, que me ensina a usar adequadamente as pétalas e os espinhos e à Christina, por ser o farol que se acende quando meu jardim se enche de sombras.".

Subst. simples	Subst. próprio	Subst. concreto	Subst. abstrato

Busque o sentido e significados:

1. Qual o sentido das seguintes frases:

a) Agradeço a Raimundo, que me ensina a usar adequadamente as pétalas e os espinhos (...).

b) Agradeço a Christina, por ser o farol que se acende quando meu jardim se enche de sombras (...).

2. Qual o significado das palavras:

Robusta; adequado; frágil; imprevisível; nutriente; camuflada; emergir; impecável; envaidecido; destemido; adversidade.

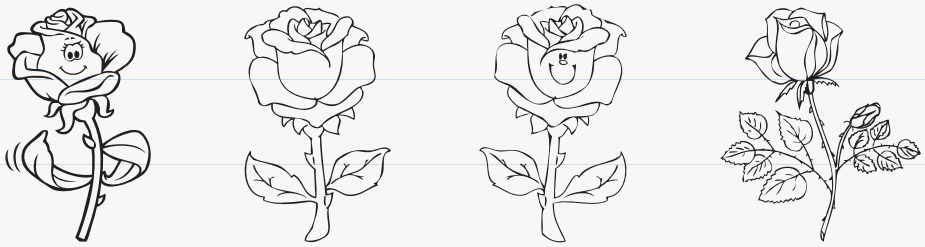
3. Como você transformaria o termo grifado da linguagem utilizada pela autora para um termo da linguagem formal?

"(...) As plantas, estas sim, não tinham tantos segredos e, portanto, eram bem menos trabalhosas para se lidar; embora, para ele, trabalho não fosse problema. Problema mesmo era perder tempo com caprichos e frufrus... (...)".

Agora é com você:

a) Em um papel sulfite desenhe uma, duas ou mais rosas nas cores: vermelha, rosa, amarela e depois ofereça à pessoa de quem você gosta.

b) Pinte as rosas utilizando as cores vermelha e amarela:*



c) Qual rosa você gostaria que cultivassem no seu jardim?

Um assunto leva ao outro

Em sua opinião, é possível obter amizade da natureza ou de animais? Os amigos falam entre si, trocam ideias, contam histórias... Em sua opinião, alguém pode também fazer isso com as plantas? Sim? Não? Como?

Agora pense nisso, depois reproduza escrevendo um texto bem bonito:

O mundo necessita ter flores, plantas, mas também de gente. Nossos semelhantes necessitam de cuidados para que não pereçam na solidão, na agressividade por falta de atenção, saúde e alimentação. A natureza dá fruto para o homem e é muito bom, mas enquanto isso os amigos nos ouvem, nos ensinam. Muitos nos dão não somente alimentos para o corpo, mas nos enchem de ensinamentos para a alma também.

Sugestões para avaliação:

Participação nas atividades; atendimento às propostas de trabalho; desempenho nos trabalhos em grupo; nos debates e criatividade.

Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo oferecer subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Rosa Formosa* da PAULUS Editora, e que não pretendem ser determinantes no trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.

*Os desenhos foram tirados do site www.google.com.br/wikpedia

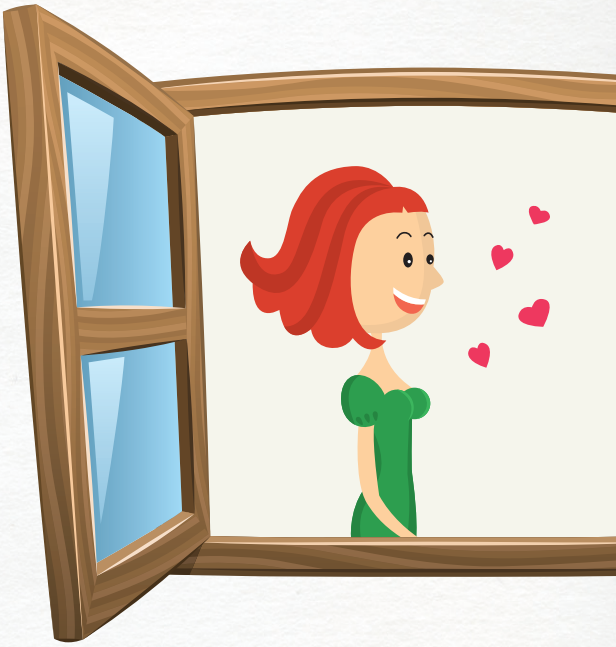
Projeto Pedagógico
encartado junto com a revista

Páginas Abertas

100 ANOS
PAULUS

Conheça outros projetos pedagógicos no site:
paulus.com.br

VERSOS **ALADOS**



Divulgação

Siga-nos
http://twitter.com/pauluseducacao
twitter

Um dia viu o amor da vida
passar pela janela.
Aquele sentimento diferente
mudou sua existência.
Algo nunca antes sentido
e jamais repetido.
Então, todo dia, no mesmo horário
ia para janela e ficava
esperando o amor passar.
Olhava, olhava, olhava...
Nunca mais o amor voltou.
Mas até hoje ele vive em seu coração.
O amor, se verdadeiro, nunca morre...

Quando tudo se liquefaz
Ali, a voz presa na goela
A noite desce fundo
Na cara, os olhos pedindo janela
Janela da alma ou janela da casa
Tuda vaza, segredos e medos
O tum-tum-tum pulsa e treme
O coração fora do peito
No vácuo o vento range ou geme
E o pensamento peita a razão...

Em voo liberto
A voz ressoa
"Faça-se a luz"
A saudade acordou
Foi quando o anjo sorriu
E o verso se partiu
Verso é intermédio
Quando não, remédio...

Bem na hora em que a solidão
é companheira
Lamenta do abandono
Havia tempos sentia-se cão sem dono
Um dia resolveu ser só...

Ficava olhando da janela
Naquele dia abriu a porta e saiu
Nem levou malas, partiu
Encontrou o pão que mata toda a fome
Não sentiu mais sede,
Nem vergonha do próprio nome...

Se o céu azul
Que aparece na janela
Não é azul
E nem é céu
Não importa
Importa imaginar
Deixar-se inundar do azul profundo
Sentir-se parte do mundo...

Da janela desenhava nuvens
E desenhava nomes também
Com letrinhas alcançava o céu assim
O céu azul lá no alto
Infinito que doía na alma
Lá dentro, profundo.
Um dia teve de abandonar a imaginação
O céu ficou largo e longe
Tão azul
Tão intenso
Mas a vida continuava pequena
Resumia-se ao quintalzinho
da casa simples
Nos olhos grandes da cor da dor
Da cor da expressão de todas
as lágrimas
Estavam secos
Tal seu ventre depois de tantos partos...

O sol se despede
Na hora em que a gente colo pede
No peito o pulsar
E a saudade repulsa
O vácuo sem nome
O soco no abdômen
Então se respira, respira, respira
E do fundo do ser
O sentido mira
Uma prece se eleva
À noite a luz leva...

---

*Antonio Iraildo Alves de Brito é jornalista, mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. É editor de educação da PAULUS. Blog: http://cordovento.blogspot.com

A Esperança como MUTIRÃO, o Tempo como escolha*

Divulgação

Dentro da nossa sociedade, há uma palavra de que gosto demais, que se usa muito mais na área da periferia social e econômica do que nas outras áreas da cidade. É uma palavra forte no dia a dia da periferia, que é quando as pessoas se juntam para construir uma obra: mutirão. É muito comum, o pessoal se juntar no sabadão – com um churrasco, cerveja – para levantar uma laje. Essa laje é levantada por todo mundo junto. Esse levantar da laje junto termina sempre com festa.

A palavra "mutirão" tem origem no idioma tupi. A nação tupi usava a palavra "mutirão" para o trabalho que é feito junto. E a expressão em tupi vem da junção de duas ideias: a noção de tiron, que significa "junto" e po, que é "mão". Por isso, a noção de potiron é a noção de mãos juntas. E daí que vem para nós a noção de mutirão.

Paulo Freire, desde maio de 2012 proclamado oficialmente como Patrono da Educação Brasileira, é grande inspirador para a ideia de mutirão. Homens e mulheres que se juntam no dia a dia e na história para construir outra realidade. Para fazer o inédito viável.

No dia 3 de maio de 2007, foi inaugurada, dentro do campus da Universidade Católica de Brasília, uma esquina, com placa e tudo, chamada Esquina do Inédito Viável, em homenagem a Paulo Freire. Para que as pessoas dali pudessem sentar-se nos banquinhos na esquina e pensar o futuro.

Paulo Freire usava muito essa expressão da esquina, gostava muito de falar da esquina da briga. Aliás, ele dizia que há uma briga na vida que vale a pena ser brigada: a briga pela dignidade coletiva. E dizia ele: "Cada um de nós briga numa esquina". Lembra-se daquela história da briga da esquina? "Te pego lá na esquina, te espero na esquina"? Você briga na esquina da escola pública, o outro briga no núcleo de trabalhos comunitários, o outro briga na universidade, a outra briga na escola privada, o outro briga na ONG, o outro briga na empresa, a outra no teatro.

Paulo Freire dizia: "Na vida, você pode até mudar de esquina, o que você não pode mudar é de briga". E essa briga é, evidentemente, a briga pela dignidade coletiva. Por isso que na UCB há uma esquina com plaquinha em que está escrito: "Esquina do Inédito Viável".

O inédito viável é movido por Esperança! Afinal de contas, qual é a primeira palavra que um ser humano é capaz de dizer e de entender? "Não". Você vai com a mamadeira e ele diz: "Não". Você põe na boca, ele cospe. Você quer levar a criança e ela não quer ir, ela solta o peso do corpo e você vai ter de arrastar. Porque ser humano é ser capaz de dizer "não". Ser humano é ser capaz de recusar o que parece não ter alternativa, ser humano é ser capaz de dizer "não" ao que parece não ter saída. E só quem pode dizer "não" pode dizer "sim". Há pessoas que dizem: "Ah, eu queria ser livre como um pássaro". Pássaros não são livres, pássaros não podem não voar, pássaros não escolhem se vão voar ou não, nem para onde vão.

Se quiser ser livre, tem de ser livre como um humano. E isso, um dia, Paulo Freire quando escreveu "Educação como prática da liberdade", estava pensando na nossa humanidade.

O que nos caracteriza é a possibilidade da recusa ao óbvio, a recusa àquilo que parece fatal, a incapacidade de desistir: a não desistência do futuro onde há dignidade coletiva, onde há possibilidade de felicidade, onde há possibilidade de liberdade a ser partilhada.

É por isso que fazemos mutirão, é por isso que nos juntamos, é por isso que vamos esperançando, no nosso tempo de vida.

Vida e Tempo? Coincidem? Sim; a vida de cada um e cada uma de nós é o nosso tempo; afinal, relembrando o óbvio, todas as pessoas, em qualquer época da história, sempre viveram na era contemporânea...

Tempo e Vida? São o mesmo; minha vida é o meu tempo, ou seja, o continente no qual está o meu conteúdo vital, o invólucro no qual está contida a minha existência, o território com fronteiras que acolhem a minha presença no mundo por um período (um tempo) determinado e limitado, apenas em referência aos outros tempos das outras vidas, mas absolutamente ilimitado para mim enquanto vivo.

Não é casual que a gente viva reinventando frase atribuída ao estupendo Guimarães Rosa: "o importante não é chegar e nem partir, é a travessia"!

Entre a chegada e a partida, meu tempo, a travessia; meu tempo como a caminhada, o jeito de caminhar, o trajeto, como convivo com quem comigo caminha, a bagagem e o lugar no qual quero chegar. Minha vida, meu tempo, ou seja, a medida que usamos para calcular quanto e quando a vida pulsa. Eu me vou, meu tempo acaba, mas o tempo não acaba, pois a Vida continua.

Por isso, enquanto tenho tempo, isto é, enquanto vivo, esse período é ocupado com ações e pensamentos, ideias e práticas, sucessos e fracassos. Como o que faço e o que penso é uma questão de escolha minha mesmo, o uso do tempo é questão de prioridade. Em outras palavras, como o meu tempo existirá ainda que eu fique estático, sem nada fazer além da imobilidade, o que nele faço resulta de decisão livre, a partir da importância que dou ao que farei naquele tempo.

Assim, se alguém diz "não tenho tempo para isto ou aquilo", de fato está dizendo "isto ou aquilo não é prioridade para mim". Desse modo, a grande pergunta continua sendo "no teu Tempo, na tua Vida, quais são as tuas prioridades?" Ou, perdes tempo?

Nossa existência é gratuidade; sabemos isso, sentimos isso. Existimos, cada uma e cada um, sem que haja uma razão explícita e evidente desde o princípio e sem que nos digam o que somos. A Vida, nossa vida, mescla virtudes e vícios, desejos e necessidades, bens e males; enquanto vivemos, procuramos afastar o sofrimento e procuramos, incessantemente, a paz de espírito e o repouso da mente que tudo sente e nem sempre tudo entende.

Sofrer, participar, aproveitar, padecer. Depois, como tudo o que vive, deixar de viver?

O que gritam a Arte e a Religião? Existir em direção ao provisório, ao passageiro, ao transitório? Não faz sentido! Mas precisa fazer sentido, pois, do contrário, vida sem razão, sem porquês, sem beleza? Beleza? Sim; o Belo é o que nos dá vitalidade, nos fluidifica a Vida; o Belo garante menos provisoriedade, pois parece que, quando diante dele, o tempo cessa e agarramos o instante para que nada mais flua além do momento pleno. Isso vai desde uma "bela pessoa" até uma "bela macarronada", passando pela "bela paisagem", o "belo dia", a "bela oração", a "bela música".

Belo é o que emociona, mexe conosco, seja pelo êxtase, pelo incômodo, pela admiração, pela alegria, pela meditação, pela vibração.

Por isso, para nós, o Belo é sagrado, pois o Sagrado é o que faz a Vida vibrar em nós, e nos leva a respeitar o Mistério, no nosso Tempo de Vida, com Esperança, a fonte das escolhas.

---

*Excerto, organizado e modificado pelo autor, de CORTELLA, M. S.. *Não Se Desespere!* ... Petrópolis: Vozes, 2013.

**Mario Sergio Cortella é *Filósofo e escritor, com Mestrado e Doutorado em Educação pela PUC-SP, da qual é professor-titular e na qual atuou de 1977 até 2012; é autor, entre outras obras, de Não Espere Pelo Epitáfio... (Vozes), Não Nascemos Prontos! (Vozes) e Não Se Desespere! (Vozes), todas com o subítulo Provocações Filosóficas.*

Memória VIVA ao alcance de todos

O acervo de 15 mil histórias, 72 mil fotos e documentos, 73 exposições e 67 publicações ajuda a contar a história dos últimos 100 anos do Brasil no Museu da Pessoa

Com mais de 20 anos de existência, o Museu da Pessoa desenvolve o trabalho de registrar, preservar e transformar em conhecimento muitas histórias de vida. Atuando como museu virtual, aberto e colaborativo, a organização parte da premissa de que "todo ser humano, anônimo ou célebre, tem o direito de eternizar e integrar sua história à memória social".

E foi assim que tudo começou, em 1991, com o Museu da Pessoa, organização da sociedade civil, (Oscip) que atua para registrar, preservar e transformar em informação histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade. Com sede física no bairro de Pinheiros, em São Paulo (SP), onde são realizadas muitas gravações de depoimentos.

Entre as ações desenvolvidas, destaca-se o *Programa Conte sua história*, que proporciona grande visibilidade para a entidade, com o projeto conhecido como *Museu que anda*. Trata-se de uma unidade móvel que leva o museu para diversos lugares e incentiva as pessoas a relatarem suas experiências de vida, contribuindo para democratizar a construção da memória social por meio da valorização das histórias de cada indivíduo.

Atualmente, o Museu da Pessoa tem acervo com 15 mil histórias, 72 mil fotos e documentos que narram a trajetória do Brasil nos últimos 100 anos. Parte do material inclui histórias de grandes instituições como Vale, Votorantim, Fundação Gol de Letra, Banco do Brasil, Dieese e Petrobras, além de grupos sociais diversos como mulheres rurais da América Latina, imigrantes de São Paulo, cidades, entre outros. São mais de 200 projetos realizados, 67 livros publicados e uma média de 500 mil visitantes únicos por ano no portal.

Sua missão é ser um museu aberto e colaborativo, que transforme as histórias de vida em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre indivíduos e povos. Por isso, é possível escutar, ler, ver e contar a própria história.

Para as escolas

De acordo com o Museu da Pessoa, professores e acadêmicos também estão entre o público visitante. O interesse se concentra no acervo, sobretudo para uso em sala de aula e para a conscientização e importância da memória e das histórias de vida. Os registros são gravados em estú-

Divulgação

dios e cabines, com imagens e documentos digitalizados, que facilmente podem ser incorporados em atividades estudantis. Outro ponto que os educadores costumam se interessar, e que também é fundamental mostrar aos alunos, é o olhar humanizado da história do Brasil, de São Paulo e das pessoas, presentes em cada depoimento. Algumas atividades também podem envolver a leitura, escrita, oralidade, assim como a sensibilização à história do outro e da sua própria comunidade. Com isso, é possível reforçar em classe a formação metodológica dos estudantes, em exercícios com as mesmas técnicas usadas pelo museu, a partir da memória oral que o organismo sistematiza.

Para as escolas, visitas guiadas podem ser agendadas pelo e-mail contesuahistoria@museudapessoa.net, ou pelo telefone (11) 2144-7150 e normalmente ocorrem na parte da manhã ou de tarde, com limitação de grupos de até 25 pessoas no espaço. Às quintas-feiras, acontecem as gravações das histórias de vida, mediante agendamento prévio também. O museu ainda mantém programas educativos, financiados por empresas e com o apoio do Ministério da Cultura, assim como formação de educadores e pessoas em oficinas e workshops, desenvolvido conforme demanda do grupo.

Acervo

O Museu da Pessoa possui um conteúdo que pode ser utilizado em diversas atividades em sala de aula. Entre eles, estão trechos de depoimentos, que remetem a diferentes épocas e costumes, bem como documentos e imagens que possibilitam ao educador olhar para momentos históricos de forma humanizada, e até propor atividades que utilizem o portal do museu como instrumento.

Ao longo de seus 22 anos, a organização ostenta histórias da diversidade gigantesca de pessoas, que vão desde moradores de rua, pensadores, executivos, entre tantos outros. São esses olhares e narrativas o grande tesouro.

Atualmente, o desafio da entidade é manter a "auto sustentabilidade", ou seja, conseguir fontes de financiamento que atendam as necessidades da organização, assim como cobrir despesas, e manutenção das suas atividades e do espaço.

Para o futuro, existem diversos projetos, como a criação de um espaço físico e público, proposta já desenhada e idealizada pelo arquiteto Jaime Lerner, no formato digital, que poderá ser construído em São Paulo. O objetivo é acolher este acervo único da memória nacional.

LINHAS DE AÇÃO

Portal – Canal virtual que permite o registro e consulta de histórias. O site traz também artigos, exposições virtuais, dicas e blogs.

Conte Sua História – Estúdio aberto que dá a oportunidade para qualquer pessoa contar sua história de vida. O programa também está disponível no portal.

Memória Institucional – Voltado para a preservação, organização e divulgação da memória de organizações e empresas.

Educativo – Disseminação da metodologia de memória do Museu da Pessoa. Capacitação de educadores e mediadores de escolas, comunidades e instituições.

Desenvolvimento de território – Mobilização comunitária e estudo de território para registro e preservação de histórias de vida locais com intervenção, visando diálogo entre empresa e comunidade e valorização da cultura brasileira.

Redes – Articulação e mobilização de redes sociais para valorização e uso da memória como ferramenta de desenvolvimento social e cultural do país.

Serviço

O Museu da Pessoa, além de ser virtual, também funciona em uma casa localizada na Vila Madalena, em São Paulo, e é aberto à visitação de pessoas, grupos e instituições que queiram conhecer mais sobre a metodologia de memória oral, pesquisar o acervo de histórias de vida ou diversos materiais produzidos pela organização (livros, CDs, DVDs, etc). Além disso, é possível agendar uma entrevista de história de vida. A entrevista é gravada em vídeo e fará parte do acervo do Museu da Pessoa. O processo é gratuito e o entrevistado recebe uma cópia de seu depoimento.

Museu da Pessoa
www.museudapessoa.net
Rua Natingui, 1100 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 2144-7150
portal@museudapessoa.net

MOVIMENTO VOTO CONSCIENTE E AS ELEIÇÕES

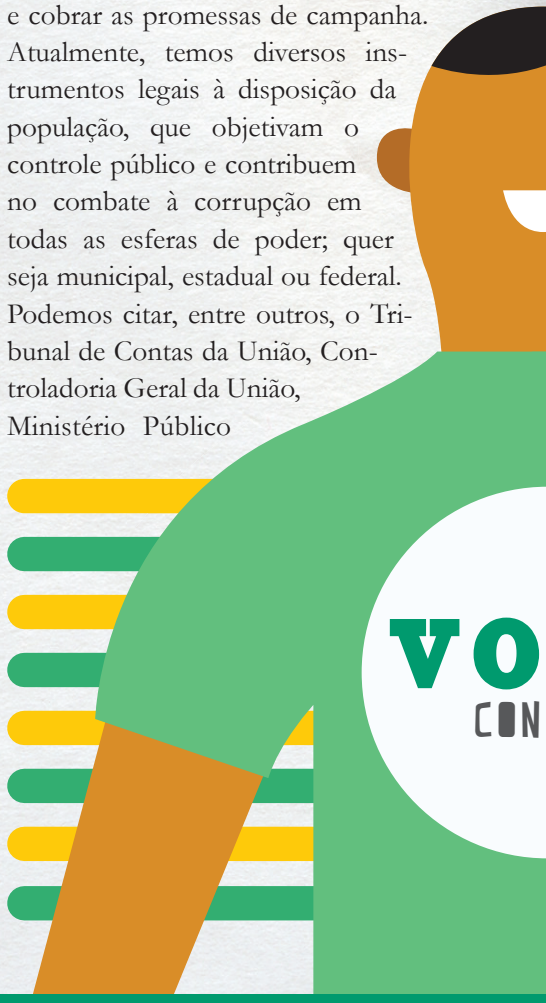
"PRECISAMOS DA UTOPIA COMO DO PÃO PARA A BOCA."
Boaventura de Souza Santos

Quando Marcelo Balbino, editor da revista, convidou-nos para escrever um texto e elencou os temas a serem abordados, logo imaginei iniciar perguntando: o que é cidadania? Por que é importante o pleno exercício da cidadania? O que é ser cidadão? Qual a relação entre política, cidadania e bem-estar? Por que é falsa a ideia de que nós, leigos, não fazemos política?

Há várias maneiras de fazer política, seja no trabalho, em casa, no sindicato, na escola. Nossa vida é pautada pela arte de negociar, às vezes cedendo, às vezes vencendo ou perdendo. Fazer política não é apenas para os profissionais da área. Todos nós fazemos, seja pela participação ou omissão; contudo, a pior maneira de fazer política é a da omissão, da apatia social. Essa forma passiva é uma opção para não mudar, para deixar as coisas como estão. Por esse motivo, dizem que o pior analfabeto é o analfabeto político, porque ele é omisso, não se envolve, ele não sabe que sua qualidade de vida depende das decisões políticas. Nossas vidas passam pelos corredores do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras Municipais, porque são os nossos representantes que fazem as leis.

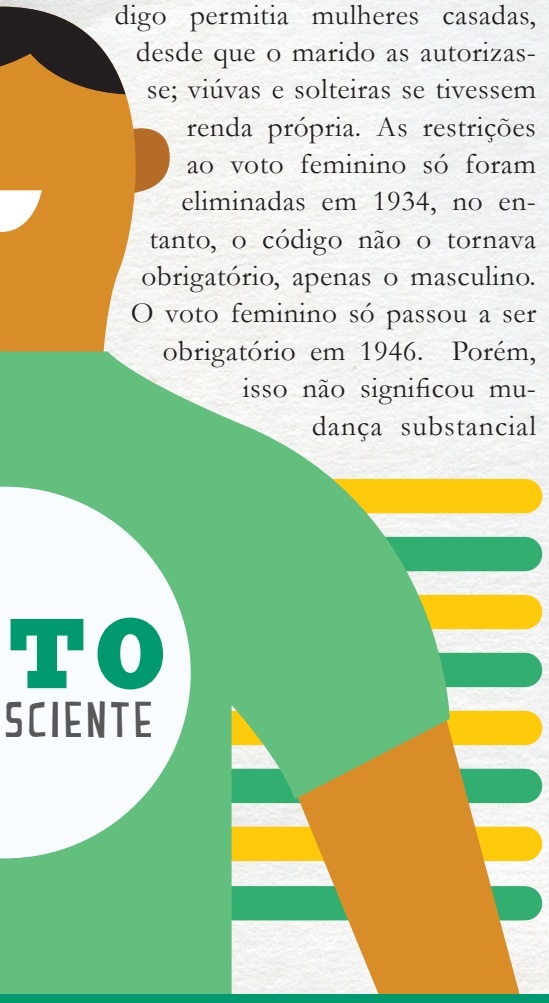
Política é a ética da responsabilidade. Por isso, a transparência publica é fundamental. Muitos políticos misturam interesses públicos e privados, o que é inaceitável. A política é necessária para o desenvolvimento do bem comum, e é desvirtuada em fins particulares, ou privilégios de grupos ou pessoas.

A vida só melhora se tiver boa qualidade de governo com atendimento adequado em: educação, assistência médica, alimentação, habitação, transporte, lazer e oportunidades para todos. Portanto, a política precisa ser exercida com seriedade, respeitando os valores democráticos e republicanos, e isso depende da escolha de candidatos comprometidos com políticas públicas, que atendam efetivamente os interesses da sociedade, mas também da capacidade da população em acompanhar, fiscalizar, e cobrar as promessas de campanha. Atualmente, temos diversos instrumentos legais à disposição da população, que objetivam o controle público e contribuem no combate à corrupção em todas as esferas de poder; quer seja municipal, estadual ou federal. Podemos citar, entre outros, o Tribunal de Contas da União, Controladoria Geral da União, Ministério Público



Federal e Estadual, Lei de Acesso à Informação, Lei Anti Corrupção e Conselhos Participativos. É fundamental o fortalecimento e ampliação de mecanismos de controle social. Para facilitar o acompanhamento das ações tanto do legislativo como do executivo, é importante que as informações sejam disponibilizadas de maneira clara para todos os cidadãos. É nosso direito como cidadão, saber como, por que, quanto e onde os recursos públicos serão gastos, porque a corrupção deteriora os serviços públicos e gera a exclusão social.

O voto é uma conquista de muitos anos. Antigamente, votava quem tinha posses. A mulher teve direito ao voto só em 1932, mas a conquista não foi completa. O código permitia mulheres casadas, desde que o marido as autorizasse; viúvas e solteiras se tivessem renda própria. As restrições ao voto feminino só foram eliminadas em 1934, no entanto, o código não o tornava obrigatório, apenas o masculino. O voto feminino só passou a ser obrigatório em 1946. Porém, isso não significou mudança substancial nos valores sociais, porque a estrutura patriarcal continuava intacta.



Ainda hoje, com todos os avanços, a representação da mulher no legislativo é pequena, (9% na Câmara dos deputados e 10% no Senado) apesar de corresponder a mais da metade dos eleitores brasileiros. É uma enorme distorção. Depois de muito tempo, foi aprovada uma lei que obriga os partidos políticos a reservar 30% das vagas para as mulheres; no entanto, não são preenchidas. A cultura política no Brasil, desde o início, foi baseada num modelo construído e mantido por homens e para os homens. Portanto, o desafio está colocado: devemos trabalhar pela igualdade de condições entre homens e mulheres, com respeito mútuo; e despertar a consciência na sociedade do relevante papel social da mulher.

É fundamental que o eleitor estabeleça rígidos critérios para a escolha de seus candidatos, é a oportunidade que se tem de eleger bons gestores e legisladores. O voto não tem preço, tem consequência; por isso, após as eleições, o cidadão deve cobrar e participar das decisões políticas em todas as esferas do poder.

Uma questão relevante é a necessidade urgente de a sociedade participar da construção de uma Reforma Política ampla, que vá além da reforma eleitoral. Um debate se faz necessário em torno de questões como financiamento público de campanha, fim da influência do poder econômico nas eleições, fim dos privilégios dos parlamentares, entre tantos outros. Mas, sem pressão social, continuará engavetada ou apenas com temas pontuais.

Muito se fala em cidadania, mas como ela se encaixa dentro desse contexto? O exercício da cidadania pela pessoa não se resume ao direito de votar, mas implica participação em todas as decisões que digam respeito à sua vida e às suas necessidades. A cidadania só se completa no momento em que atingimos a consciência de nossos direitos e deveres. Entendemos que cidadão é aquele que exerce, na plenitude, os direitos que lhe são assegurados pela Constituição. A cidadania começa com o direito de ter direito.

No Brasil, exercer a cidadania, na acepção mais profunda da palavra, ainda é uma esperança. Toda pessoa deve ter consciência de que a igualdade de direitos anda de mãos dadas com a democracia e a cidadania. A política tem que ser vista como a busca constante da felicidade para todos, sob o prisma da sustentabilidade social, política, econômica e ambiental, mas que só será possível com exercício pleno da cidadania, com atores sociais participantes, exigindo comportamento ético dos poderes constituídos e eficiência nos serviços públicos.

Não podemos ficar quietos vendo a banda passar. Viver não é apenas estar no mundo, mas relacionar-se com os outros, sentir-se pertencente. Como dizia Betinho (1935-1997): "Tudo o que acontece no mundo, seja no meu país, na minha cidade ou no meu bairro, acontece comigo. Então eu preciso participar das decisões que interferem na minha vida. Um cidadão com sentimento ético não abre mão desse poder de participação".

---

*Marina Sales L. de Barros é educadora, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo; cursou também História e Pedagogia, e é voluntária do Movimento Voto Consciente (www.votoconsciente.org.br).

Teclando *com o ensino*

Proibido na sala de aula, mas inseparável dos estudantes, o celular, assim como outras mídias, desponta para um caminho possível, que leva em conta uma geração que já nasceu com a tecnologia nas mãos, mas que precisa de orientação e técnica pedagógica para se tornar um instrumento de ensino.

Afinal de contas, celular em sala de aula é problema ou ferramenta didática? Neste debate, muitas vezes encarado como polêmico por parte dos educadores, convidamos dois especialistas no assunto e que agora dividem suas experiências.

Diante da questão do uso do celular na sala de aula, o professor Romero Tori, coordenador do Laboratório de Tecnologias Interativas da USP, autor do livro Educação sem Distância (Escola do Futuro – USP e Editora Senac) e do blog de mesmo nome (www.romerotori.org), lembra que os celulares já fazem parte da cultura dos jovens. "Qualquer mídia que facilite o acesso à informação e à comunicação é potencialmente útil para a aprendizagem. O celular é o principal meio de comunicação, que os mantém conectados entre si e com o mundo. A educação não pode ficar alheia a esse fenômeno. Não há limite para as possibilidades de uso dessa tecnologia, como apoio à aprendizagem, desde ser uma porta de acesso aos recursos e ambientes de aprendizagem até

como interfaces para atividades lúdicas e interativas", afirma Romero.

A explicação do professor leva em conta uma nova geração que já nasceu e está totalmente inserida na tecnologia, mas que certamente necessita de orientação e direcionamento. "Se bem orientados e motivados, os jovens vão incorporar a tecnologia às suas rotinas de estudo. Costumo dizer que, se a escola não levar a tecnologia móvel às salas de aula, serão os alunos que o farão. O problema é que essa segunda hipótese ocorreria de forma desorganizada e pouco eficiente. Por isso as escolas devem se preparar para incorporar tais tecnologias, já presentes na vida social de seus alunos", avalia o professor.

O contexto renovável da tecnologia exige também preparação dos professores, sobretudo para conciliar equipamentos com aprendizagem. Ou seja, as máquinas precisam de pessoas para a construção do ambiente ideal de ensino. "Os professores precisam ser treinados não apenas no uso da tecnologia em si (muito deles já estão), mas principalmente em técnicas pedagógicas adequadas, que incorporam a tecnologia à sala de aula", sinaliza Romero Tori.

Em seu Blog, Educação sem Distância (www.romerotori.org), discute-se questões relacionadas ao uso de novas tecnologias de forma integrada, tanto no formato presencial como virtual. O endereço é voltado a professores, educadores, pesquisadores e interessados no tema.

De acordo com o professor e a sua grande experiência com novas tecnologias, o celular ou tablet são equipamentos que possibilitam ao aluno ficar conectado à sala de aula e seus colegas, projetos e professores o tempo todo e em todo o lugar. Para o futuro, Romero Tori vislumbra novos formatos. "A sala de aula é que não deve funcionar da forma como estamos acostumados (professor falando e alunos ouvindo e anotando), mas sim como um local de trabalho discussão, desenvolvimento de projetos e outras atividades práticas. O celular é uma forma eficiente e barata de colocar os alunos em rede, facilitar a busca por informações e a divulgação de seus projetos".

Por falar em futuro, pergunta-se qual será o grande desafio e o que acontecerá para que a tecnologia se faça cada vez mais presente nos sistemas de ensino. Na prática a questão se desenrola nas próprias instituições, como adianta o professor: "Se não houver uma postura pró-ativa institucional com relação às tecnologias, não adianta o professor sozinho querer mudar a situação. Esse por sua vez deve ser capacitado, não apenas no uso das novas tecnologias, mas em como utilizá-las adequadamente como apoio à aprendizagem". Tanto que na visão de Romero Tori, qualquer aplicativo que aumente a produtividade e facilite a comunicação poderá ser usado. Enquadram-se nesse quesito os editores de planilhas online e até o Facebook. "O que faz a diferença não é o aplicativo, mas a forma como ele é utilizado nas atividades didáticas", argumenta o professor.

Nessa linha, a questão do uso do celular em sala de aula não viria então a partir do apelo do aparelho pelo aspecto da tecnologia, mas por sua incorporação ao dia a dia do jovem. Ou seja, a naturalidade que os estudantes já utilizam para acessar informações e se comunicarem por esse dispositivo. "Seria mais ou menos como - na época antes do celular -, querer que os alunos aprendessem ludicamente sem usar comunicação por voz", complementa Romero Tori. Ainda na visão do professor, para o futuro, a migração do celular para a escola será tão natural quanto já foi um dia ter um caderno. Só falta as escolas perceberem isso.

Ligação do Nordeste

A historiadora, educadora, pesquisadora, blogueira (www.profisabelaguiar.blogspot.com.br), Isabel Aguiar, formada pela Universidade Federal do Ceará – UFC é admiradora da internet e das novas tecnologias. Seu blog, que trata de assuntos referentes à História, é usado como ferramenta didática auxiliar das aulas. A professora Isabel leciona, desde 2005, com passagens pela rede pública e privada de ensino. A seguir, ela nos conta um pouco mais da sua experiência.

O processo de aprendizagem pode incluir o celular?

Desde que seja usado da forma correta, com a devida preparação da aula, com a conscientização dos alunos de seu uso para fins didáticos, pode sim colaborar muitíssimo.

Os alunos estão preparados para lidarem com a questão tecnológica? E os professores?

Na minha opinião, os alunos estão bem mais preparados que muitos pro-

fessores. É incrível como eles gostam desse tipo de aula e interagem de forma mais fácil. Até mesmo os alunos que são mais dispersos e tímidos na sala de aula passam a interagir mais. Se sentem à vontade, além de quebrar a rotina das aulas tradicionais.

Os meios eletrônicos (tablets, celulares, games) estarão cada vez mais presentes nos sistemas de ensino?

Infelizmente, em nosso país, estamos longe do que seria ideal. Não adianta investir em tablets se não se investe em capacitação do professor. Não adianta a escola ter a tecnologia digital mais avançada se seu professorado desconhece o uso didático dessas ferramentas. Além disso, o professor, utilizando-se desses recursos, pode ser bem mais criativo. Ele será obrigado a se atualizar constantemente para interagir com a turma, frente às novas adaptações desses aparelhos eletrônicos.

Existem casos de sucesso que já utilizam o celular em sala de aula?

Neste ano de 2013, estou fazendo aulas testes com celulares. No meu blog faço relatos das aulas. Existem produções de vídeos e dicas dos próprios alunos de como o celular pode ser usado por eles e por professores para facilitar a busca de informações e ampliação do aprendizado. Na minha experiência houve sim sucesso.

Como implantar o celular em sala de aula? Qual é o desafio e a vantagem para isso?

A grande vantagem é que o celular é algo que os alunos estão familiarizados, usam todos os dias e horários. Já faz parte da vida deles. É impossível para essa nova geração viver sem conexão. O celular é um equipamento portátil onde eles podem ter desde jogos até dicionários online. Sabemos que o sonho de consumo mais almejado dessa geração é o celular, que é praticamente um notebook em miniatura.

Do que especificamente trata o seu blog? Ele é indicado para qual tipo de público?

Meu blog foi criado em 2010, por conta de meu interesse na interatividade por meio da internet. Pensei em utilizar esse gosto por tecnologias digitais nas aulas de História, somando-se a isso o cotidiano dos alunos que já era permeado pelo uso da internet. Então resolvi unir o útil ao agradável. Através do blog, os alunos (do ensino fundamental e médio) podem se comunicar comigo a qualquer hora e lugar. Com o blog, a sala de aula não ficou mais limitada a quatro paredes. Já vivenciamos alguns pontos citados a seguir.

Aula online
www.goo.gl/xAqKRv

Aulas de LIBRAS
(Língua Brasileira de Sinais)
www.goo.gl/Wo5Uaf

Aulas de campo
www.goo.gl/Fa7vA2

Já concedi algumas entrevistas para sites, revistas, jornais e programas de tv voltados para a educação.

No blog, faço correção de atividades, posto o material utilizado em sala (slides, imagens, vídeos) para que possam rever em casa ou em qualquer lugar.

O maior desafio em utilizar a tecnologia em sala de aula está com os alunos ou professores? Como capacitá-los?

O maior desafio está em nosso sistema educacional que é extremamente arcaico. Por mais moderna que essa geração Y possa parecer, é muito ultrapassada (por influência do sistema educacional vigente) no quesito utilização de tecnologias digitais no aprendizado. A maioria utiliza equipamentos com acesso à internet para lazer, simplesmente contemplar o que os outros produzem. Isso aconteceu durante muito tempo (e ainda acontece) com a televisão. Para introduzir no cotidiano de sala de aula essa nova metodologia necessitamos de tempo. Quanto mais velhas são as pessoas, mais resistentes.

O celular, o tablet, os blogs, quaisquer outros equipamentos se bem utilizados, de forma programada e estudada, podem trazer excelentes resultados. Tudo depende do suporte e do interesse dos profissionais de educação. Quando me refiro a suporte falo do colégio, que tem que acreditar nessa nova metodologia, falo dos pais, que devem confiar no trabalho da equipe de profissionais que está junto a seus filhos. Já aconteceram casos comigo de eu passar atividades para casa no blog e os pais não acreditarem que o filho estaria estudando e sim brincando.

Alguns aplicativos podem ajudar no ensino? Quais?

Eu já experimentei alguns jogos online de História e alguns infográficos. Além disso, acho válida a pesquisa que o aluno faz utilizando essas ferramentas – celular, tablet, blogs -, isso o ajuda a se tornar mais independente. Sabemos que hoje em dia o professor não é o detentor do conhecimento. As informações estão mais acessíveis a todos. Cabe ao professor mediar esse caminho, induzindo o estudante a criar e construir seu conhecimento de forma autônoma.

Na sua visão, existe aprendizagem lúdica sem o emprego de instrumentos eletrônicos, ou esses (como o celular, por exemplo) possuem hoje o maior "apelo" para o diálogo com os jovens?

A aprendizagem só acontece quando o interesse é despertado. O lúdico é um fator preponderante. Não se pode ligar a ludicidade à falta de seriedade no trabalho. Os jogos tradicionais são muito interessantes para o desenvolvimento do intelecto, é o caso do xadrez. O lúdico está presente no cotidiano da criança em suas brincadeiras, seus sonhos e na sua imaginação. A questão é: em todas as fases da história da humanidade, algo novo surge e nos adaptamos a essa novidade - que passa a se incorporar de tal forma em nosso cotidiano, que nem cogitamos viver sem ela. Quem deixaria de usar fogão para voltar a usar lenha? Quem vai deixar de ir ao supermercado comprar cereais, frutas, carnes, para produzir tudo isso em casa? Nem espaço temos pra isso, muito menos tempo. As novas tecnologias vêm facilitar nossa vida, como aconteceu com a energia elétrica, o telefone e viajando mais ainda na máquina do tempo, o fogo.

Em sua opinião, o que podemos esperar entre o uso do celular e a escola? Como será essa relação?

Apesar de o Brasil caminhar a passos de tartaruga no quesito educação e tecnologias digitais, acredito que chegará o dia em que as aulas presenciais serão cada vez mais raras, artigos de museu.

Infelizmente, ainda vivemos em tempos de exclusão digital. Temos habitantes em nosso país que não têm acesso sequer à energia elétrica. O avanço da educação tem que ser para todos. Caso contrário, a verdadeira globalização não acontecerá nunca.

Creio que a EAD é o norte da educação. O aprendizado não cabe mais dentro de quatro paredes. O mundo está globalizado , tudo está interligado, tudo o que comemos, vestimos, ouvimos, lemos, está conectado. Lamento a resistência dos que relutam a essa realidade. Teriam muito a ganhar se fossem mais flexíveis.

A lei diz que celulares são proibidos na escola? Em que instância? Isso também é vivenciado na prática ou não?

Até onde eu sei, a lei proíbe o uso de celular, no sentido a dispersar a atenção do aluno da aula. Nesse aspecto, não só o celular, como um livro de piadas ou um simples caderno faz o mesmo efeito. Lembro que quando eu fazia as séries iniciais muitas vezes ficava viajando na hora da aula, rabiscando flores e bichinhos em folhas de papel. Hoje os alunos ficam digitando em seus celulares. Os tempos mudam, as tecnologias avançam, mas nosso modelo educacional tem que mudar urgente!

Não basta somente um professor de forma isolada executar esse trabalho, tem que ser em conjunto, tem que ser regra e não exceção.

Já vivenciou algo do tipo?

Já enfrentei algumas resistências de alunos (uma minoria) em não quererem fazer atividades no blog em casa, por conta da mentalidade que internet é só lazer. Usar o tempo deles na internet em casa para fazer atividades no blog seria perda de tempo. Então uma das formas viáveis para driblar essa situação seria usar o blog, no caso, no colégio, no laboratório de informática ou nos tablets em sala de aula.

Estamos passando por um processo de mudanças e isso gera polêmicas e resistências. Mas anseio o dia em que isso será tão normal quanto usar o fogão. Às vezes, fico imaginando que nossos cadernos e livros algum dia se tornarão peças de museus. Estamos na era do virtual. E não devemos ver o lado negativo (isolamento, individualismo), devemos ver a facilidade que isso nos trás. Nós é que devemos controlar as máquinas e não deixar que elas nos controlem. Usar o celular como bode expiatório não adianta. O que se deve fazer é mudar e investir mais em educação de qualidade.

Mais que um itinerário, uma história do Jornalismo

Livro vencedor do Prêmio Jabuti 2013, categoria Comunicação, de José Marques de Melo, recupera e sintetiza trajetória de instituição do campo jornalístico brasileiro

Para os mais de 200 mil estudantes que atualmente frequentam algum curso da área de Comunicação Social no Brasil (seja Jornalismo, Relações Públicas ou Publicidade/Propaganda, dentre outros), José Marques de Melo é mais que familiar no cotidiano de referências, indicações e, de certo modo, paradigma que marcou a formação de várias gerações de profissionais.

Com mais de 30 títulos de autoria exclusiva, além de outros 80 títulos compartilhados entre colaborações e organizações editoriais, o alagoano (nascido em Palmeira dos Índios, mas residindo em São Paulo desde a segunda metade dos anos 1960) José Marques de Melo é, possivelmente, um dos poucos personagens que pode ser confundido com a própria instituição e fortalecimento do campo de estudos e pesquisas em comunicação, ao longo das últimas décadas. Concorde-se ou não, Melo participou da criação dos principais grupos de investigação, eventos e organizações que foram criadas e rearticuladas no Brasil desde a década de 1970. E de lá para cá, vale registrar, a área de comunicação cresceu no mesmo ritmo que o campo profissional e de mercado da mídia, ganhou força e importância no cenário nacional.

É certo que, ao menos por enquanto, falar em 'uma história' do Jornalismo brasileiro seria arriscado, em especial pela crescente pluralidade que marca o campo. Mas Marques de Melo arrisca, de forma ensaística e na proposição de um "itinerário crítico", como "mosaico contextual", como sugere o subtítulo do livro. Em 447 páginas, o autor formata em três partes a proposta: processos (I), conjunturas (II) e narradores (III).

Ao abordar os processos, Melo retoma pontualmente os principais eixos que instituem a história do Jornalismo, seja como pensamento, esforços de controle social (mais identificados como censura), o conhecimento produzido, chegando às marcas da identidade profissional e intelectual do campo. E, ao jogar luz nas referências conjunturais, a segunda parte do livro oferece ao leitor um passeio conceitual sobre algumas variáveis que fazem o jornalismo, como a história dos paradigmas, das fontes (e memória), divulgação, além do debate em torno dos gêneros e formatos jornalísticos, chegando à promessa de inclusão digital da contemporaneidade.

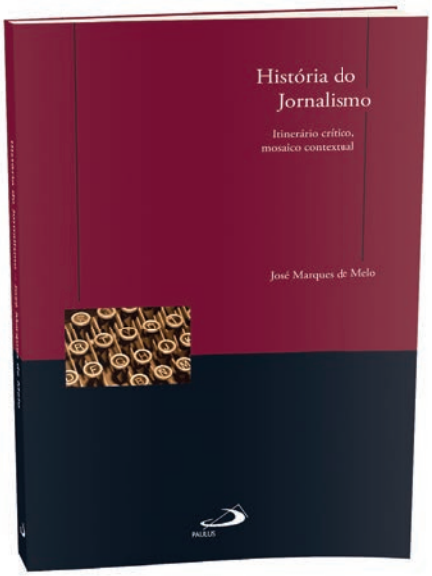
Oportuno lembrar que, aqui, 'História do Jornalismo' demarca uma disciplina, elementar ao ensino e formação profissional na área. E, pois, como explica o autor, o livro busca "situar os futuros praticantes do ofício diante dos acontecimentos que marcaram o desenvolvimento das rotinas de produção, estimulando as novas gerações a registrar com fidedignidade os fatos de interesse público,

contextualizando-os no tempo e no espaço" (p.7). Como se vê, mais que um desafio, trata-se de uma ousada "missão", se pensar que está em pauta a indicação de uma das disciplinas fundamentais para entender o campo jornalístico no Brasil.

A empreitada (intelectual) proposta por Melo pressupõe a retomada de publicações – livros, revistas, ensaios e demais formas de divulgação reflexiva – que marca(ra)m a história do surgimento, evolução e atual cenário que caracteriza a história do Jornalismo, com ênfase no ensino. E, por isso mesmo, a contextualização do reconhecimento acadêmico – que, no Brasil, ganha forma pela criação dos primeiros cursos universitários, em 1947 e 1948 – passa pelas transformações da universidade, até chegar às crescentes demandas pela compreensão das especificidades que envolvem a formação profissional em Jornalismo. Desafio, de sistematizar os principais momentos, atores e processos editoriais que, segundo o autor, justificam a iniciativa do livro, frente à "indigência dos estudos históricos nos cursos superiores de jornalismo".

Assim, depois de recuperar a contribuição de alguns dos mais importantes pensadores do campo jornalístico – como Hipólito da Costa, Alfredo de Carvalho, Costa Rego, Carlos Rizzini, Danton Jobim, Luiz Beltrão, Nelson Werneck Sodré e a colaboração da 'sucessora' Marialva Barbosa – Marques de Melo sintetiza um breve panorama do que denomina de "reinvenção do campo", destacando a contribuição das entidades, autores e iniciativas que, neste início de século (XXI), apostam no fortalecimento e legitimação do jornalismo, a partir da defesa do reconhecimento das especificidades, sem abrir mão das constantes contribuições interdisciplinares. Afinal, a história é, por si, também formada pelas mais variadas expressões dos grupos que a constroem. E com o Jornalismo não seria diferente!

Sempre otimista ao descortinar horizontes, Melo traduz o eventual pessimismo (de alguns neo ou pós-modernos) em uma leitura social crítica, capaz de identificar desafios nas mais diversas mudanças e encruzilhadas



que marcaram o Jornalismo brasileiro desde a virada do século XIX para o momento seguinte, quando, ainda de modo incipiente, a profissionalização vai ocupando espaço nas emergentes funções das práticas de produção editorial. E, assim, "reconstituindo o itinerário percorrido pelo jornalismo, podemos descrever os momentos singulares que dão conta dos impasses nutridos pelas sociedades onde as crises germinam, florescem, murcham e se complicam", avalia o autor.

Ligado aos desafios do tempo presente, mesmo quando se volta ao passado como investigador, Marques de Melo demonstra uma convicção direta, e convincente: "ao desafio de produzir um jornalismo popular, destinado às classes subalternas, precisamos corresponder, pesquisando, com atenção redobrada, nesta segunda década do XXI, a fim de encontrar soluções plausíveis. Trata-se de contingência inexorável!", conclui.

Enfim, em um momento em que estudantes e professores dos cerca de 350 cursos de graduação em Jornalismo do Brasil planejam as necessárias adaptações às diretrizes curriculares aprovadas (homologadas em 2013 pelo Ministério da Educação), nada mais oportuno do que reconhecer a contribuição presente de um dos autores que participou ativamente deste processo de atualização e, agora, formata em outro livro, uma síntese histórica do campo de ação. Por isso mesmo, trata-se de um livro que deve integrar a estante básica de indicações na área.

Não por acaso, *História do Jornalismo* conquistou, em 2013, o Prêmio Jabuti de melhor livro publicado na categoria Comunicação, conforme a Câmara Brasileira do Livro. Um motivo a mais, além do desafio didático proposto pela obra, para indicar a leitura deste livro de José Marques de Melo. E, pois, mais que oportuno assegurar que "li, gostei e recomendo" às *Páginas Abertas*.

---

*Sérgio Luiz Gadini, jornalista, professor e coordenador do Programa de Mestrado em Jornalismo da UEPG (www.uepg.br) é autor, dentre outras publicações, do livro "Interesses cruzados: a produção da cultura no Jornalismo Brasileiro", publicado pela PAULUS Editora (2009).

Estudantes do 5º ano e o projeto literário

CLUBE do leitor

> "Até uma certa idade, a literatura prepara-nos para a vida. Ela canaliza o movimento entre o real e o imaginário. Aleita nossos tropismos afetivos. No final da infância, ela nos propõe moldes sobre os quais se vestirão nossas tendências individuais e este vestir, sejam roupas sob medida sejam de confecção, dará forma a nossa personalidade."
>
> *Edgar Morin*

A leitura, como atividade que estimula o diálogo do leitor com a vida pelo imaginário, oferece à criança a possibilidade de romper com a repetição e a padronização das atividades didáticas do cotidiano, para dar vazão às emoções. A literatura é importante no currículo escolar, porque faz o aluno exercer plenamente sua cidadania, apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela e tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca chegue a escrever um livro.

Acreditando na magia que os textos literários possuem como elemento lúdico na formação do leitor, apresentamos o Projeto "Clube do Leitor", para os alunos do 5º ano do Colégio Marista de Natal, visando estimular o gosto pela leitura e a construção do processo do leitor crítico e reflexivo, por meio da troca de livros. Primeiro explicamos aos meninos que, para fazerem parte do "Clube", era necessário possuir um passaporte. Este seria um livro comprado em uma livraria da cidade, no caso, a Livraria PAULUS. A obra deveria conter uma narrativa interessante do gosto de cada um, apresentar uma capa bonita, coloridas ilustrações e ser impressa em material de qualidade. Ou seja, que despertasse a atenção e a curiosidade infantil.

A sequência de atividades começou com uma visita à Livraria PAULUS, momento em que as crianças participaram de atividades lúdicas de contação de histórias, cantaram, dramatizaram narrativas e conheceram o processo de produção de livros. Na ocasião, degustaram um saboroso lanche e receberam o kit surpresa oferecido pela livraria. Também estiveram à disposição do grupo, obras literárias de escritores como Rubem Alves, Tatiana Belinky, Lúcia Pimentel Góes e outros, para os alunos comprarem e participarem do Clube do Leitor em sala de aula, trocando e lendo o maior número possível de livros, sendo este o objetivo principal da iniciativa.

Divulgação

Foi um momento muito apreciado pelas crianças, conforme vemos na declaração de Letícia F. 10, "Eu gostei dessa aula, porque a gente saiu da rotina da aula de todo dia, fomos pra contação de história e tivemos a oportunidade de comprar um livro". Acrescenta ainda Gabriel R. 10, "Eu escolhi um livro que fala de mistério e depois que eu ler, vou trocar com meus amigos". Laura 10, também afirma: "Eu gostei da livraria, as atividades foram ótimas pra gente conhecer mais sobre como se faz um livro. Os livros falam sobre histórias divertidas e também conscientizam o leitor sobre problemas como a poluição, o preconceito etc.".

Após a leitura dos livros, os alunos iniciaram as trocas com os colegas em sala de aula. As obras infantojuvenis circulavam durante as aulas de português. Os estudantes receberam uma ficha para fazer o registro do título, nome do autor, editora e nome do colega dono do livro para evitar perdas e no final das atividades, terem um controle da quantidade de livros lidos e lembrarem os que mais gostaram.

Como habilidades a serem desenvolvidas, destacamos a formação do leitor crítico e autônomo; o exercício da leitura para desenvolver competências comunicativas essenciais ao exercício da cidadania na sociedade da informação; a leitura do texto literário como momento prazeroso de entretenimento, que pode envolver a interação com outras linguagens; a criação de um ambiente real de letramento por meio da interação entre leitores e leituras; o estímulo da criticidade por meio do diálogo entre leitor e texto; exercício das habilidades de: observar, localizar, relacionar, inferir e comparar os diferentes gêneros textuais presentes na diversidade de livros lidos e a integração entre os alunos nos momentos das negociações para as trocas.

A avaliação da atividade se deu de forma contínua e processual durante os momentos de trocas, quando eram observados o interesse e envolvimento dos educandos. Em algumas ocasiões, ouvíamos comentários como os de Théo, 10: "Eu tô gostando do Clube do Leitor porque ele incentiva as crianças a ler e aprender coisas novas. Também porque a leitura ajuda na escrita e fala. O Clube é muito interessante porque nós podemos trocar livros e viajar por diferentes mundos". Muito interessante também o depoimento de Carolina: "Ah, o Clube me incentivou a ler mais e também melhorou a minha escrita".

Como encerramento, aplicamos uma atividade de produção de texto do gênero "Relato de Experiência", na qual os estudantes citaram os momentos mais significativos, os nomes das obras lidas, o enredo, as histórias que mais gostaram, etc. Por fim, ofertamos aos alunos que leram maior número de obras, um livro como presente e diploma parabenizando-os pela conquista.

---

*Nizinha Borba é professora de Língua portuguesa do 5º ano do Colégio Marista de Natal-RN e da Rede Pública de Ensino Estadual.

Alfabetizar as crianças na idade certa com Paulo Freire e Emilia Ferreiro: práticas

Onaide Schwartz Mendonça e Olympio Correa Mendonça

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 272

Nesta obra, os autores divulgam práticas comprovadamente eficazes para a alfabetização de crianças das camadas populares. Trata-se de uma proposta de forma lúdica, reflexiva e conscientizadora, rumo à formação do leitor autônomo e crítico, capaz de construir uma sociedade mais justa. O livro foi escrito para tentar ajudar educadores, coordenadores pedagógicos e pais que queiram aprender a alfabetizar. Também, são propostas centenas de atividades práticas que, se desenvolvidas, ajudam a enfrentar as dificuldades da língua portuguesa.

A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI

Henri-Dominique Gardeil

Formato: 15,5 cm x 23 cm
Páginas: 400

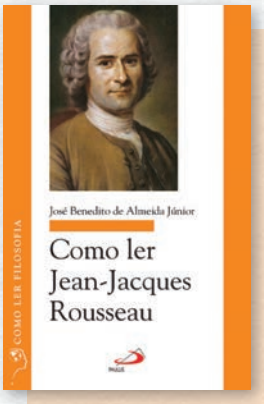
A proposta do livro é oferecer uma análise indispensável dos desenvolvimentos recentes nas ciências da vida e na biomedicina, que têm levado à difusa politização da medicina da vida humana e biotecnológica.
O desenvolvimento da obra ocorreu a partir da pesquisa de trabalhos de outros estudiosos do assunto e só se tornou possível devido à riqueza e à produtividade da comunidade de estudiosos. Dividida em oito capítulos, a obra analisa a biopolítica molecular contemporânea, evitando o exagero da ciência popular e do pessimismo da maioria das ciências sociais.

Fazer filosofia
Aprendendo a pensar com os primeiros filósofos

Barbara Botter

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 132

O título busca confirmar a visão desmistificadora de que o filósofo é, em sua origem, uma pessoa simples e humilde, um companheiro do saber.
Assim, apresenta um guia sobre o que ainda se tem a dizer ao leitor que, por prazer ou dever acadêmico, aproxima-se do pensamento grego. Dividido em onze capítulos, seu propósito é tornar uma disciplina complexa, como a filosofia grega, acessível ao público. Isso se faz necessário pelo fato de que o caráter amplo e misterioso da filosofia antiga assusta e faz crer que seu sentido seja algo fora do nosso alcance.

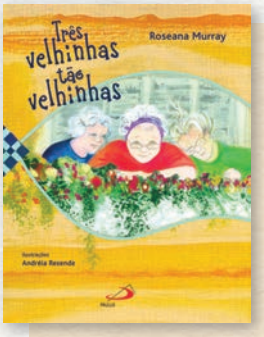


Como ler Jean-Jacques Rousseau

José Benedito de Almeida Júnior

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 148

O livro mostra um Rousseau desconhecido pelos leitores. O filósofo tentou contribuir para a sociedade com todo o seu coração, pois acreditava que suas obras poderiam melhorar a vida na educação, justiça social e política. E, para isso, doou tudo de si. Na primeira parte, o leitor irá se emocionar com a vida do filósofo, assim como chorar por suas dores, e depois se deparar com um panorama do seu pensamento e como elaborou conceitos que se tornaram referências obrigatórias para a história da filosofia ocidental, presente em todos os cursos de Filosofia e Ciências Humanas.



Três velhinhas tão velhinhas

Roseana Murray

Formato: 21 cm x 27,5 cm
Páginas: 24

O livro conta a história de três velhinhas, que viviam em um casarão entre canções antigas, plantas, pássaros; desfrutando de uma velhice calma, avessa ao interesse da ambição dos familiares. Trata-se de um tema real, de forma leve e colorida, com o uso de ilustrações e fotografias antigas. Isso porque a família toda ficava de olho no casarão, caindo aos pedaços, mas com o terreno muito valioso. Com o dinheiro da casa poderiam comprar tantas coisas. Só tinha uma coisinha que atrapalhava: dentro do casarão moravam três tias, bem velhinhas. A família, então, reunia-se, discutia, voltava a se reunir.

Dia Noite

Regina Rennó e Thiago Rennó
Ilustrações de Regina Rennó

Formato: 21 cm x 21 cm
Páginas: 20

Com proposta diferenciada, a obra não apresenta textos, mas conduz o leitor por meio do cotidiano das pessoas, ao longo dos acontecimentos do dia e da noite. As ilustrações envolventes de Regina Rennó incentivam a imaginação e possibilitam muitas propostas de atividades. A ideia é que o leitor construa as suas próprias cenas, trabalhando seus próprios pensamentos, a partir das figuras de conteúdo aberto que o livro apresenta. O livro foi construído em formato no qual o leitor será sempre um coautor e poderá colaborar com o desenvolvimento do enredo.

História do Jornalismo
Itinerário crítico, mosaico contextual

José Marques de Melo

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 472

O livro *História do Jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual* do escritor jornalista e professor José Marques de Melo é o grande vencedor do Prêmio Jabuti 2013, na categoria Comunicação. Fruto do trabalho de vários anos, a obra oferece profundas reflexões sobre os desafios da profissão nos dias atuais. Na expectativa de ilustrar os caminhos percorridos pelo jornalismo para se adaptar às mudanças, o autor selecionou e correlacionou, na literatura de campo, as fontes mais adequadas para os novos praticantes e estudiosos compreenderem suas alterações, continuidades e ressurgências neste início do século XXI.

Saber viver
Reflexões e dicas para envelhecer com qualidade

Leomar A. Brustolin
e Ivonne A. Cortelletti

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 208

Os autores apresentam reflexões e dicas práticas para o leitor assumir seu envelhecimento com qualidade de vida. Sob olhar atento, o livro reúne o conhecimento e a experiência de profissionais de diferentes áreas, propondo diversos olhares sobre o mesmo interesse: qualificar o envelhecimento. Com isso, o livro destaca aspectos que acompanham o envelhecimento e se dedicam tanto à parte física como espiritual. A obra visa mostrar o caminho para uma postura positiva, capaz de dar novo sentido ao envelhecer.

Navegando pela história das palavras

Divulgação

Você sabia que a palavra *ginásio*, com o sentido de lugar onde se praticam esportes, é uma palavra que vem lá da antiga Grécia? Ela vem do grego *gymnasion*, que designava o local onde os gregos se exercitavam fisicamente, lutando, correndo, saltando. Mas o curioso é que essa palavra deriva de *gymnos*, que significa *nu*, porque os atletas gregos exercitavam-se completamente nus, para terem mais liberdade de movimentos. É daí que vieram também as palavras ginástica e ginastas.

Em minhas aulas de língua portuguesa, gosto de conversar com os alunos sobre as origens das palavras, passando a eles algumas noções de etimologia. Todas as palavras têm história e algumas delas são muito interessantes e nos fazem viajar pela história, pela mitologia, pelos costumes.

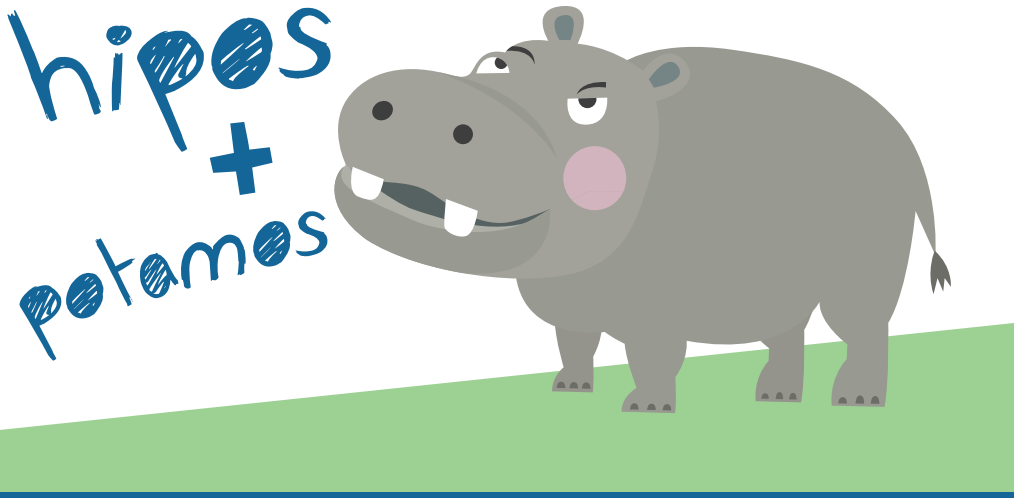
Vejam, por exemplo, a história da palavra *higiene*. Segundo a mitologia, o deus da Medicina, Esculápio, teve uma filha, a quem deu o nome de Higies, que significa *saúde*. É desse nome que se formou a nossa palavra "higiene" e outras como *higiênico*, *higienizar* etc. Em latim, Higies recebeu o nome de *Salus*, que também significa saúde e de onde deriva nossa palavra *salutar*, por exemplo. Mas tem mais: Higies tinha uma irmã que se chamava Panaceia, que se transformou numa palavra que hoje significa "remédio não só para doenças mas para todos os males". Como se vê, a família de Esculápio está toda ligada à ideia de cura ou saúde.

E é lá da antiga Grécia que nos vem também a palavra *cometa*. Ela deriva de *kometes*, que significa "aquele que tem cabeleira". A palavra kometes vem de *koma*, que quer dizer cabeleira. Os gregos observaram esse corpo celeste e acharam que sua cauda parecia uma extensa cabeleira cruzando os céus; por isso, deram-lhe o nome de cometa, que usamos até hoje.

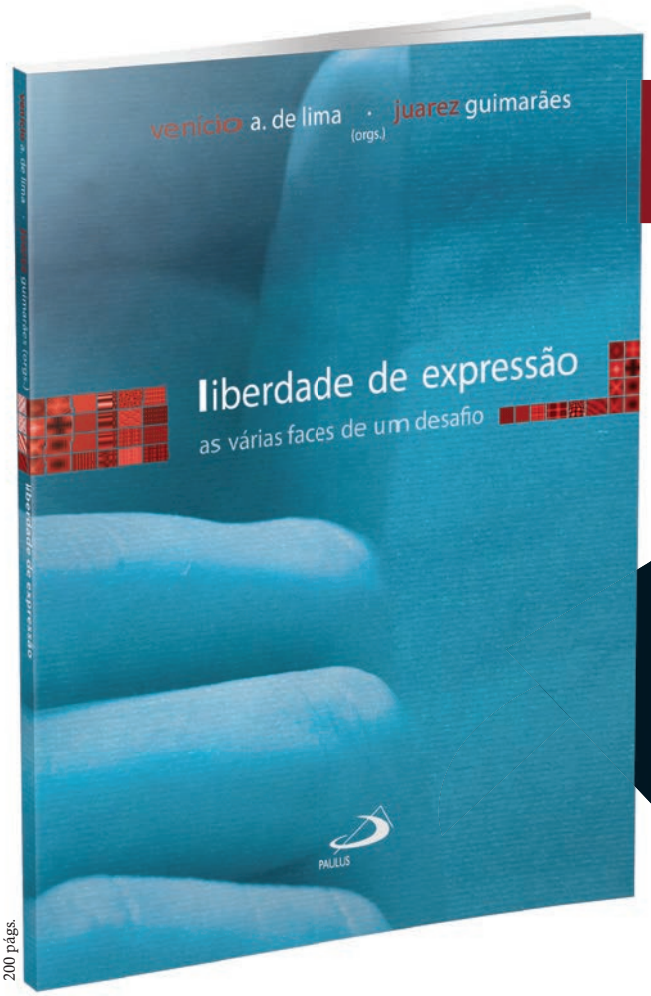
Quando viram um hipopótamo pela primeira vez, os gregos antigos devem ter levado um susto. Como chamar esse animal estranho? Para eles, parecia um cavalo que vivia dentro de um rio. Por isso, deram-lhe o nome de hipopótamo, que significa justamente "cavalo do rio": hipos (= cavalo) + potamos (rio). E é de hipos que se formaram também várias palavras que usamos hoje, como hipismo, hípico, hipódromo, todas referentes a cavalo.

Os alunos gostam dessas curiosidades e assim, de forma lúdica, vamos estudando a formação da nossa língua. E há centenas de outras histórias interessantes, envolvendo palavras e expressões que vieram do tupi, do latim e de várias outras línguas. Voltaremos a esse assunto em breve.

*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br



Política e comunicação na modernidade



200 págs.

Liberdade de Expressão

as várias faces de um desafio

de Venício A. de Lima e Juarez Guimarães (orgs).

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br
SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br

100 ANOS PAULUS

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Certo dia houve uma reunião na floresta. O seu Jiboia chamou todos os bichos e, depois de muito bate-boca, resolveram organizar uma partida de futebol. Inventaram, então, o bichobol. O futebol dos bichos.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br
SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br

100 ANOS
PAULUS

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.